

LIVROS AICAL

| Director Adélio Amaro | Edição n.º 1 | Janeiro 2014 | Gratuita |

A Vida
dos livros
**Guilherme
d'Oliveira
Martins**



e *As «Memórias»
de Bulhão Pato*

UHF ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO escreve 35 anos de carreira



Casa dos Bicos
Conheça a sede
da **Fundação José
Saramago** em Lisboa

AICAL Livros
tem como missão
divulgar livros e autores

Suíça . Brasil . França . Moçambique
e **Portugal** | **Escritores em destaque**



Índice de Autores e Editores na Edição 1 da AICALivros

- 7 Caminhos – 6
ACCIAIUOLI, Margarida – 32
ALBANO, Luís – 40
ALEGRE, Manuel – 21
AMARO, Adélio – 7, 11, 34, 38
AMORIM, Olga – 39
ARAÚJO, Maria – 31
ARRIMAR, Graça – 11
ASCENSO, Mota – 30
 ASSVSJ – 23
AURÉLIO, Marco – 31
AZEVEDO, Ricardo Charters D' – 27
BAPTISTA, Victor – 30
BETTENCOURT, Manuel Espínola – 30
 Bizâncio – 32
 Câmara Municipal de Vila do Porto – 24, 36
 Câmara Municipal Santa Cruz da Graciosa – 30
 Caminho – 18, 22
 Campo das Letras – 16
CARDOSO, Pedro – 40
CASTRO, Armando – 23
CAVACO, Euclides – 39
 CEMD Edições – 17
 Centelha – 21
 CEPAE – 36
 Chiado Editora – 15, 26, 31, 40
CHOURAQUI, André – 33
 CIID – 29
CLÉRIGO, Bruno – 40
COELHO, João Paulo Borges – 22
COUTO, Cidália – 23
CRUZ, A. Oliveira – 31
 Edições Afrontamento – 29
 Edições Colibri – 29
 Edições MIC – 17
 Edições Vieira da Silva – 24, 26, 30, 31
 Editorial Estampa – 22
 Editorial Minerva – 17
FERNANDES, Alda Maria – 22
FERNANDES, José Manuel – 36
FERNANDES, Julieta – 25
FERNANDES, Mário – 40
FERRAZ, Luís – 37
FERREIRA, Luís – 26
 Folheto Edições – 12, 13, 22, 23, 25, 30, 34, 35, 36
 Fonte da Palavra – 6
 Gailivro – 23
GARCIA, José Manuel – 40
 Garrido Editores – 6
GOMES, Soeiro Pereira – 21
GONÇALVES, Delmar Maia – 17
GONÇALVES, Maria Vitória – 31
 Gradiva – 37
 Inforletra – 24
 Instituto Açoriano de Cultura – 32, 36
 Instituto Piaget – 27, 28, 31, 33
 Instituto Politécnico de Leiria – 29, 37
JACINTO, Graça – 12
 Junta de Freguesia de Algarvia – 38
LEAL, Elzio Luz – 15, 39
 Lidel – 28
 Liga Amigos Museu Maria da Fontinha – 25
MACHADO, Alice – 16
MACIEL, Maria de Jesus – 32
MADURO, António – 36
MARTINS, Ana Sousa – 28
MARTINS, Guilherme D'Oliveira – 8, 9
MARTINS, Raquel Serejo – 22
MATOS – Rui – 23
NOUSCHI, Marc – 27
 Oficina do Livro – 33
OLIVEIRA, Marta – 30
OLIVEIRA, Miguel – 10
PACHECO, Norberto da Cunha – 24
 Factor – 40
PATO, Bulhão – 8, 9
PEREIRA, Josefina – 23
PINHEIRO, Gonçalo Lobo – 21
 Profedições – 29
 Publicações Europa-América – 16, 21, 26
 Quidnovi – 40
RAMALHO, Paulo – 36
RASQUILHO, Rui – 36
REDOL, António Alves – 18
RIBEIRO, António Manuel – 4, 5, 6
RIBEIRO, Júlia Guarda – 25
RICHAU, João – 26
RICOU, Ernesto – 14
RODIS-LEWIS, Geneviève – 33
RODRIGUES, Cidália – 30
SANTOS, Costa – 13
SANTOS, Joaquim – 24
SARAIVA, José Hermano – 26
SILVA, José Guedes da – 24
SILVESTRE, Carlos Alberto S. – 28
SOULIER, Gérard – 27
SOUSA, Judite – 33
 Taba Cultural – 39
 Temas Originais – 21
 Textiverso – 27
TOMÁS, Manuel – 30
VASCONCELOS, Arménio – 25
VAZ, José – 23
VIEIRA, Ana Maria Sousa Neves – 29
VIEIRA, Ricardo – 29
ZÚQUETE, Afonso – 34, 35

Ficha Técnica | Director: Adélio Amaro | Sede: Associação de Investigação e Cultura dos Açores / Leiria, Rua Casal da Mourã, n.º 146, 2410-027 Leiria, Portugal | Telm. 969 076 618 | E-mail: aicalivros@gmail.com . | Colaboradores da edição 1: Adelino Sá; António Manuel Ribeiro; David Amaro; David Monge; Eduardo Zúquete; Frankelim Amaral; Graça Arrimar; Guilherme D'Oliveira Martins; Miguel Oliveira; Nélia Matos (Revisão); Nidal Alsaber; Paulo Pedro; Prates Miguel; Ricardo Vieira; Sérgio Machado Letria. | AICALivros é uma publicação gratuita em formato PDF sem fins lucrativos e sem publicidade. Os textos assinados são da responsabilidade dos autores e não reflectem, necessariamente, a opinião da revista. Nem todos os textos estão segundo o novo Acordo Ortográfico.

AICAL LIVROS

Divulgar Livros, Autores e Editores

AICAL

A Associação de Investigação e Cultura dos Açores / Leiria (AICAL) nasceu em 2008 com o objectivo de promover a Cultura e a História de todas as freguesias e suas gentes do Arquipélago dos Açores e do Distrito de Leiria.

Rapidamente se entendeu que a grandeza desse universo se teria de ampliar. Muitos Açorianos e Leirienses marcam presença um pouco por todo o País assim como pelo Mundo, não ignorando aqueles que Açores e Leiria acolheram.

Desta forma, dando asas ao principal objectivo da Associação - constituição de uma Biblioteca - entendeu-se que fazia sentido promover a Língua Portuguesa e os escritores dos oito países lusófonos que vivem em todo o Mundo, dando voz a Fernando Pessoa (1888-1935) quando referiu que o Padre António Vieira (1608-1697) era / é o «Imperador da Língua Portuguesa».

Em pouco mais de cinco anos a Biblioteca da AICAL reuniu seis mil e duzentos volumes e milhares de outros elementos. Tem feito diversas palestras e dado a conhecer, publicando, cadernos e alguns livros essencialmente de índole histórica e biográfica.

AICAL LIVROS

Foi por isso que nasceu a «AICAL Livros», com o anseio de promover os livros e os autores lusófonos. É uma revista sem fins lucrativos e que não apresenta publicidade e será, apenas, em formato PDF sendo a mesma, numa primeira fase, enviada via correio electrónico, para uma base superior a quatro mil endereços electrónicos.

Com esta revista a AICAL pretende essencialmente promover aqueles que parecem esquecidos - LIVROS, ESCRITORES e EDITORES. Até porque, como escreveu António Vieira, o livro «é um mudo que fala, um surdo que responde, um

■● ADÉLIO AMARO

Director da AICAL Livros

Com esta revista a AICAL pretende essencialmente promover aqueles que parecem esquecidos - LIVROS, ESCRITORES e EDITORES. Até porque, como escreveu António Vieira, o livro «é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive». A «AICAL Livros» começa de forma simples e está a promover contactos junto de editores e autores no sentido de crescer e divulgar da melhor forma o mundo da Literatura.

cego que guia, um morto que vive».

A «AICAL Livros» começa de forma simples e está a promover contactos junto de editores e autores no sentido de crescer e divulgar da melhor forma o mundo da Literatura.

As páginas desta revista estão disponíveis para todos os que pretendem difundir os livros e os autores de Língua Portuguesa.

EDIÇÃO 1

Na vigente edição, com destaque para 68 autores, damos a conhecer os projectos literários para 2014 de António Manuel Ribeiro e os seus 35 anos de carreira muito além da nobre função de vocalista e fundador do UHF. A escrita, a cultura e a história fazem parte da sua forma de ser...

São vários os nomes em destaque, com especial atenção para a nobre e ilustre colaboração de Guilherme d'Oliveira Martins, Presidente do Centro Nacional de Cultura, assim como dos professores e escritores Miguel Oliveira, Graça Arrimar e Prates Miguel.

É dado realce a alguns nomes da literatura Lusófona como Graça Jacinto, Costa Santos, Ernesto Ricou (Suíça), Elzio Luz Leal (Brasil), Alice Machado (França), Delmar Gonçalves (Moçambique) entre muitos outros. Relembramos Alves Redol e Afonso Zúquete...

E, nesta passagem pelo mundo dos livros, destacamos o trabalho desenvolvido pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (Açores) assim como o vencedor da segunda edição do Prémio «Villa Portela», Luís Ferraz.

Nesta primeira edição realçamos dezenas de livros e concernentes autores. Para o segundo número daremos a conhecer muitos mais, até porque «Não há melhor fragata do que um livro para nos levar a terras distantes» – Emily Dickinson (1830-1886).

VOCALISTA E FUNDADOR DO GRUPO UHF

António Manuel Ribeiro

35 anos de carreira

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO (AMR) nasceu em Almada a 2 de Agosto de 1954. Vocalista e fundador dos UHF, é o compositor de quase todas as músicas editadas tanto pelo grupo como a solo.

Na sua época de estudante passou pelo Liceu em Almada e cursou Arquitetura no D. João de Castro. «Resolveu chumbar» e voltou para o 6.º ano de Letras.

Mais tarde entra na Faculdade de Direito e em 1976 inscreveu-se em Filosofia Românica. Urbano Tavares Rodrigues foi um dos seus professores.

AMR estagia no jornal Record, tri-semanário na época, lá se manteve até 1980 e foi trabalhar para a Câmara Municipal de Almada. Com o nascimento dos dois primeiros filhos, entende apenas trabalhar e abandonar os estudos.

AMR conta que nessa fase da sua vida «a música ajudava, tomando o centro da sua vida. As guitarras, os primeiros grupos, os equívocos de um país agreste, sempre adiado, alimentavam a tenacidade e um propósito que vencerá todas as adversidades.»

A escrita esteve sempre patente na vida de AMR, principalmente a Poesia. Contudo, naquela fase da sua vida, onde pairava muita incerteza, entende deitar fora os primeiros dois romances que escrevera no fim da sua adolescência, afirmando que eram «demiados premonitórios».

Chegou a passar pela política, como

independente e humanista, mas não entendeu o funcionamento dos homens formatados por partidos.

Funda o grupo UHF em 1978 e arranca com «Cavalos de Corrida», numa época que se tentava semear o que veio a ser chamado de Rock Português, para uma corrida que já leva 35 anos de carreira.

Durante toda a sua carreira, preenchida pela música e escrita, manteve a sua colaboração em jornais e rádios, chegando a ajudar na fundação de duas rádios piratas.

Na literatura escreveu: 2002, «Todas as Faces de Um Rosto», livro de poesia, canções e notas de viagem; 2003, «Se o Amor Fosse Azul Que Faríamos Nós da Noite?», primeiro livro de poemas originais; 2005, «Cavalos de Corrida – A Poética dos UHF», uma antologia de todos os poemas que o grupo UHF e AMR a solo gravaram entre 1979 e 2005; 2006,

«O Momento a Seguir», segundo livro de poemas inéditos de AMR.

E para 2014, que nos espera da pena de AMR? Ele próprio nos conta na entrevista que concedeu à «AICAL Livros», antecipando a apresentação dos novos trabalhos literários em que está envolvido.

Depois de quatro livros publicados, vai agora editar um que será um marco nos 35 anos dos UHF – «UHF em 35 histórias». Que género de histórias se pode encontrar neste livro?

Muito provavelmente ainda antes da edição dessas «35 Histórias» que escrevi para a Antena 1, irei editar – finalmente – uma antologia poética, que vem sendo sucessivamente adiada por falta de tempo e sossego para a concluir.

Sobre as «35 Histórias» há a dizer que revelam episódios e situações que o grupo viveu e ficaram esquecidas.

São curiosas, até caricatas, reveladoras do pioneirismo que envolveu os primeiros anos do rock português. São até uma fotografia sociológica do país, onde um grupo de miúdos seguiu pelo sonho e venceu.

Quando e onde será o lançamento da obra?

Quando estava a gravar as histórias propuseram-me a sua edição quase imediata, que recusei. Há um tempo rádio, mais sintético e outro tempo para a palavra escrita, a literatura. Por isso, algumas histórias poderão ser revistas para crescerem, não muito, apenas os complementos que achar adequados. Também é quase certo que entrarão mais algumas histórias que entretanto «vieram ter comigo», e que me parecem importantes para entender melhor o grupo e a sua carreira.

As histórias deste livro são as mesmas que foram reveladas aos microfones da Antena 1, na intervenção que acabou no passado dia 29 de Novembro?

Sem dúvida, inclusive poderemos adicionar um CD com o material gravado, que tem um excelente trabalho de sonoplastia do António Santos, o técnico da Antena 1 que comigo trabalhou durante dois meses e meio.

E num parágrafo como resumiria a brilhante carreira dos UHF, num país onde não é fácil triunfar

Entrevista

durante tanto tempo?

Sonhar, tentar, querer, teimar e nunca desistir. A qualidade fez o resto, porque as canções chegaram às pessoas e hoje cruzam gerações. Ser pop star em Portugal exige um grande rigor ou, como diria um amigo meu, chegamos a 100 e saímos a 200.

Referiu que antes do livro sobre o percurso dos UHF irá apresentar uma antologia poética intitulada «Sal Secreto da Vida». Quer revelar o que consiste esse livro?

Essa antologia era para reunir apenas o somatório dos quatro livros editados, mas depois tomei outro rumo.

Este novo livro reunirá aquilo que considero o melhor já editado com os novos poemas escritos, uma espécie de livro velho mais livro novo. Entretanto, também mudei de editor.

Para quando nas bancas?

Tudo farei para que esteja disponível em Fevereiro de 2014. Entretanto tenho um encontro com o meu novo editor que vive em Bruxelas e espero determinar então a data.

Além destes dois trabalhos que retractam uma vida de trabalho em redor da música e da poesia, sei que tinha agendada a edição de um outro sobre o caso de perseguição persistente que o afectou. Vai guardar esse livro na gaveta?

Esse é um livro mais denso, quase técnico, que aborda um grave problema so-

cial – o stalking, que se poderá traduzir por «perseguição obsessiva» – e o estado da nossa justiça perante situações concretas que afectam os cidadãos. Esse caso que durou quase oito anos, terminou em duas condenações que fizeram jurisprudência, promovendo um debate nacional sobre uma matéria que afecta quase 20% da população portuguesa, segundo dados de um estudo da Universidade do Minho.

É uma coisa demasiado séria, que já exigiu muito de mim (cerca de 350 páginas escritas). Mas houve condicionantes técnicas, porque a senhora sentenciada fez o corrupio dos recursos e houve que esperar que as decisões transitassem em julgado.

Quando será editado?

Estará cá fora ao longo de 2014. Também tenho uma editora interessada no projecto e há prazos a cumprir. É um livro que terá uma componente didáctica, apropriada para os debates e fóruns sobre a violação dos direitos e privacidade dos cidadãos. E para o esclarecimento da sociedade.

E um livro de crónicas da sua vida dentro e fora da sua carreira como músico, era possível?

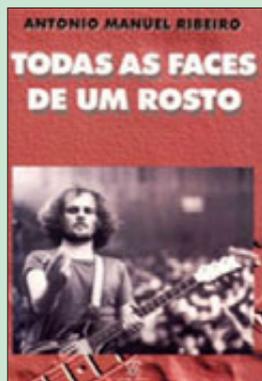
É curioso que toque neste assunto, porque esse é o quarto projecto que está sobre a minha mesa de trabalho. É um livro que fala das minhas vivências em Portugal, o que observo, o que vivo, o que nos agrupa enquanto nação. Preenhe de situações concretas e peculiares.

Adélio Amaro (Texto)

Frankelim Amaral (Fotografias)



Entrevista

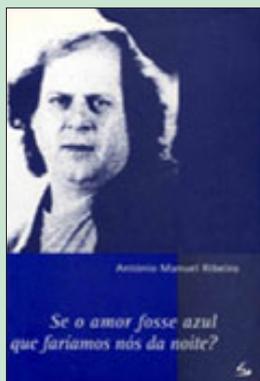


«Todas as Faces de Um Rosto»

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO (AMR)

GARRIDO EDITORES, 244 pp.

2002 – «Poesia, canções e notas de viagem. Editado no início do verão de 2002, esta primeira aventura de AMR iniciaria o hábito de escolher o auditório da FNAC do CC Colombo para se apresentar ao público: a apresentação ficou a cargo do amigo escritor José Jorge Letria. É o início da aventura e, como na altura do lançamento o autor referiu, é o cumprir de uma promessa feita há muito aos fãs dos UHF e a mim próprio. É também por isso uma obra multifacetada onde as notas de viagem, a poesia e as canções escolhidas se interligam para o matiz do retrato agora desvendado, polvilhado pelas fotografias que completam os mil esgares de um rosto, as suas faces em palco e na vida de todos os dias.»



«Se o Amor Fosse Azul Que Fariamos Nós da Noite?»

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO (AMR)

GARRIDO EDITORES

2003 – «O primeiro livro de poemas originais de António Manuel Ribeiro; o fôlego onde o reconhecido autor de canções se solta e perde nos terrenos que a escrita pura permite. É uma obra temática onde o autor coloca, como ao longo de um caminho, sinais que, no tempo certo, permitirão outras leituras. Por vezes esotérico, quase sempre enigmático, mas profundamente empenhado, vivo, a falar do hoje que povoa os nossos dias. Vícios ou atributos que lhe escorrem da canção, fecundada pelo dia a dia de todos nós. Lançado no auditório da FNAC do CC Colombo, em Novembro de 2003, a obra foi apresentada pela jornalista Fernanda Freitas.»

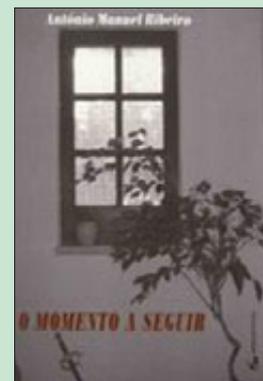


«Cavalos de Corrida – A Poética dos UHF»

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO (AMR)

7 CAMINHOS, 300 pp.

2005 – «O livro onde começa a história dos UHF lançado no auditório FNAC do CC Colombo em Lisboa, no dia 12 de Dezembro de 2005, o novo livro de António Manuel Ribeiro foi apresentado por David Mourão Ferreira, administrador da EMI portuguesa, uma antologia de todos os poemas que os UHF e, o próprio autor a solo, gravaram entre 1979 e 2005. Cada poema foi sublinhado por uma anotação de AMR, desvendando segredos, revelando memórias. Inclui ainda um lote de fotos inéditas, oferecidas por amigos e fotógrafos profissionais, pertença da sua colecção privada. Esta é a primeira obra literária que desvenda a verdadeira história dos UHF, os episódios de uma intensa carreira espelhada nas quase duas centenas de poemas agora reunidos.»

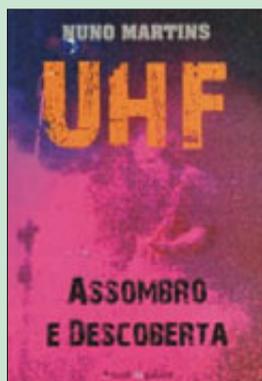


«O Momento a Seguir»

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO (AMR)

7 CAMINHOS, 92 pp.

2006 – «É o segundo livro de poemas inéditos de AMR, outra densidade de palavras, três anos depois de "Se o Amor Fosse Azul Que Fariamos Nós da Noite?". Linguagem do amor, outras vezes críptica, até à raiva da palavra que a funda do poema e da voz hão-de soltar. Dividida por três continentes, ou três capítulos de intenções, este "O Momento a Seguir" projecta uma escrita de AMR há muito reconhecida nas suas canções de combate – ao longe, aqui bem perto, a escola dos poetas mais interventores da nossa contemporaneidade.»



«UHF, Assombro e Descoberta»

NUNO MARTINS
FONTE DA PALAVRA

«Este livro mais do que uma aproximação à obra dos UHF, constitui um conjunto de reflexões de alguém que, atraído pelo valor deste projecto musical procurou desbravar a sua poética, aliando esse processo de

descoberta às suas próprias experiências e vivências enquanto cidadão. *Sei que o Nuno Barroso Martins pouco mais velho é que os UHF, e nos descobriu há nove anos atrás num concerto no Casino do Estoril; que a sua primeira atenção passou pelos discos em vinil do pai. Espantou-me que, com tantas coisas divergentes para fazer, neste*

mundo de ofertas imparáveis, guardasse algum tempo da sua vida jovem para se interrogar sobre os caminhos, as sementes e o horizonte de quem sobe a um palco e se julga capaz de soltar sobre uma melodia tempestuosa a intencionalidade de algumas palavras rimadas.» António Manuel Ribeiro, in Prefácio.

A MINHA METÁFORA VAI NUA

Tentâmen sobre a Esperança I

Tenho Esperança de nunca a perder. Não por esta ser a última a morrer, mas por ser a primeira a despontar. Até porque não logro ganhar vitórias para as camuflar em gavetas de sonhos escuros. Prefiro que as vitórias me ganhem para que possa fazer parte dos seus pódios e descansar na estilóbata¹ da base elevada dos três degraus do estereóbata². Até porque a morte só será tragada pela vitória da Esperança quando o *corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade*³.

Não anseio a Esperança da normalidade e do estéril desejo. Persisto na Esperança da liberdade e do viril destino. Não anelo a Esperança globalizante e socialmente viciada e corrompida. Persigo a Esperança da avidez peculiar e a senda da exteriorização da convicção.

A Esperança é suprema ao sonho verde enfatizado e equilibrado do homem acordado⁴ de Aristóteles⁵ (384-322 a.C.), aluno de Platão⁶ (428-348? a.C.) e tutor de *O Grande Alexandre*⁷ (356-323 a.C.).

Enquanto que Platão, a convite de Dionísio I⁸ (430-364 a.C.), visitou Siracusa⁹ com a Esperança de ali introduzir os seus ideais políticos e teve de retornar a Atenas após desentendimento com a tirania local, Alexandre III nunca desprezou a Esperança de arquitectar o emancipado, superior e mais opulento império que até então havia existido, dos Balcãs à Índia, abarcando o Egípto e a Bactria¹⁰.

Após doze anos de imutável campanha militar, embebida por vitórias e humedecida por conquistas, quase sempre com o seu cavalo Bucéfalo¹¹, Alexandre III contemplou, com 33 anos, a sua existência sucumbir diante o tumba da Esperança, padecente de doença ou envenenamento, exaurindo o império avassalado por se dissociar entre os seus generais e diluído no tempo pelas imutáveis pelepas.

Incessantemente içamos a bandeira da vitória no soberano mastro da vida. Almejamos a alucinação das nuvens que tenham e tingem o céu com o aguerrido azul Prússia, para que estas nos sirvam o sonho de bandeja, como se se tratasse da pintura *La Liberté guidant le peuple*¹² de Eugène Delacroix¹³ (1798-1863), onde os seios desnudos, a bandeira em punho e o mosquete com baioneta devolveram a Esperança ao povo Francês nos três dias



■● ADÉLIO AMARO

Presidente da Associação de Investigação e Cultura dos Açores / Leiria

Incessantemente
içamos a bandeira
da vitória no
soberano mastro da
vida. Almejamos a
alucinação das
nuvens que tenham
e tingem o céu com
o aguerrido azul
Prússia, para que
estas nos sirvam o
sonho de bandeja,
como se se tratasse
da pintura *La
Liberté guidant le
peuple* de Eugène
Delacroix (1798-
1863), onde os
seios desnudos, a
bandeira em punho
e o mosquete com
baioneta
devolveram a
Esperança ao povo
Francês nos três
dias gloriosos de
Julho de 1830, em
que a população
Parisiense postou
termo ao
Absolutismo...

gloriosos de Julho de 1830, em que a população Parisiense postou termo ao Absolutismo, ignorou a vexilologia¹⁴ das remanescentes bandeiras e do direito divino dos reis – *Ancien Régime* de Valois e Bourbon¹⁵.

Idealizamos, esperançados, a conquista de ambições, derretendo o lacre do sonho nas muralhas do desespero e ateando o facho da Esperança como réstia de luz.

Aguardamos pela Esperança, como passageiro em dia de Outono que ao ritmo do baile das folhas secas, esfaceladas pela calçada ao toque do vento, vai esperando, ansiosamente, pelo comboio que o levará ao seu destino.

¹ O último degrau da plataforma que serve de base aos templos gregos.

² Nos templos romanos a sua base designa-se pódio.

³ 1 Coríntios 15:54.

⁴ *A esperança é o sonho do homem acordado.*

⁵ Filósofo e Cientista da Grécia Antiga.

⁶ Filósofo, Matemático do período da Grécia Antiga e fundador da Academia em Atenas (primeira instituição de educação superior do mundo ocidental).

⁷ Alexandre III, Rei da Macedónia.

⁸ Nasceu e governou em Siracusa por trinta e oito anos, até morrer. Fortificou a sua terra natal e derrotou seus inimigos e ocupou cidades gregas vizinhas.

⁹ Comuna italiana da região da Sicília. Foi cidade-Estado até ser conquistada pelos romanos em 212 a.C..

¹⁰ Região histórica cuja capital era a cidade de Bactros, actual Balkh, que fazia parte do coração persa medieval e hoje integra o Afeganistão.

¹¹ Nasceu no mesmo dia que Alexandre III. Morreu devido a ferimentos e idade avançada na campanha que o seu majestoso cavaleiro fez à Índia. No local da sua morte, o imperador prestou-lhe homenagem, fundando a cidade de Bucéfala próxima a Taxila, no actual Paquistão. Esta última foi declarada *Património Mundial* em 1980.

¹² *A Liberdade guiando o povo.* Óleo sobre tela, 260 cm x 325 cm, 1830. Patente no departamento de Pintura do Museu do Louvre, Paris, França.

¹³ Pintor Francês da Escola Romântica deixando obras de grande simbolismo patentes dos maiores museus do mundo. Está sepultado no cemitério Parisiense Père Lachaise, na rua com o seu nome.

¹⁴ Estudo das bandeiras, estandartes e insígnias e das suas simbologias, usos e convenções.

¹⁵ Dinastias, em França, entre os séculos XVI e XVIII.

AS «MEMÓRIAS» DE BULHÃO PATO

A VIDA DOS LIVROS de 6 a 12 de janeiro de 2014

AS «MEMÓRIAS» DE BULHÃO PATO (3 VOLUMES, TYP. DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1894-1907) são de apetecível leitura, para quem queira conhecer o ambiente cultural e as principais figuras públicas da segunda metade do século XIX. É um reportório circunstanciado, escrito em bom português, de um memorialista que, muito mais do que poeta romântico, é hoje uma testemunha privilegiada que merece leitura atenta.

NOS MEIOS LITERATOS

Raimundo António de Bulhão Pato nasceu em Bilbao e morreu no Monte da Caparica (1829-1912), viveu a sua infância no país basco sob os efeitos dramáticos da guerra civil. Em 1837, a família veio para Portugal, cansada das agruras da instabilidade espanhola, e em 1845 o jovem inscreveu-se na Escola Politécnica, frequentando, desde muito cedo os meios literários, onde conheceu Herculano, Garrett, Andrade Corvo, Latino Coelho, Mendes Leal, Rebelo da Silva e Gomes de Amorim. Com Herculano estabeleceu uma relação muito especial e intensa bem patente nas suas recordações, através das quais conhecemos muitos pormenores biográficos do historiador. Como poeta cultivou a influência romântica. A sua primeira obra é de 1850 («Poesias»), tendo publicado em 1866 a muito celebrada «Paquita» (depois de ter dado à estampa «Versos», em 1862). Apesar dos elogios dos seus contemporâneos sobre a sua poesia, em especial de Herculano e Rebelo da Silva, o certo é que será como memorialista de primeira água que Bulhão Pato se afirma. A sua prolífera criação chegou aos palcos do Teatro Nacional, em pelo menos um original e em traduções de obras clássicas. Escritor dotado e de pena fácil dedicou-se também ao jornalismo. Amigo de Antero de Quental, sobre este disse: «bem no fundo, Antero foi sempre um romântico. Até no morrer como Werther! No temperamento extremamente sensível, o influxo da educação dos primeiros anos e a natureza da País em que nasceu, desenvolveram-lhe a sensibilidade, e a luta constante, e direi cruel, da sua vida, foi querer dominar e



■● GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS
Presidente do Centro Nacional de Cultura

Sobre a célebre viagem de Antero de Quental a Nova Iorque, o relato que Bulhão Pato faz sobre o poeta dos «Sonetos» e a suposta troca com João de Deus, já Ana Maria Almeida Martins esclareceu plenamente que a carta de Joaquim Negrão, o proprietário do patacho «Carolina», tinha forte dose de imaginação e de inverdade...

abafar com a razão, robustecida por outros estudos, o temperamento nativo; mas esse temperamento para olhos perspicazes que o tivessem de perto, ressumbrava e traía-se a cada passo! – O entusiasmo é bom; mas a crítica é melhor – exclamava ele repetidas vezes. E foi sempre muito mais entusiasta do que um crítico; foi, acima de tudo, um poeta, e como poeta fez a sua obra-prima! Ainda bem!».

A AMIZADE COM ANTERO DE QUENTAL

Sobre a célebre viagem de Antero de Quental a Nova Iorque, o relato que Bulhão Pato faz sobre o poeta dos «Sonetos» e a suposta troca com João de Deus, já Ana Maria Almeida Martins esclareceu plenamente que a carta de Joaquim Negrão, o proprietário do patacho «Carolina», tinha forte dose de imaginação e de inverdade (cf. «Antero de Quental e a Viagem à América: Remando contra a Maré», Tinta da China, 2011). Antero era amigo próximo de Bulhão Pato, conviviam, nos anos setenta, às quintas-feiras jantavam («comia pouco mais que um pintassilgo na sua gaiola; não o atormentava a digestão, que lhe fora tantas vezes cruel! O exercício da palavra, depois do breve jantar, fazia-lhe bem»). Pato admirava-o. Sobre a perfeição da verve disse do poeta micaelense: «a língua, que principiava a ser desfeiteada, respeitou-as ele sempre. Percebeu que quanto houvesse moderno, seguindo todas as correntes, numa evolução progressiva, se podia dar dentro dela. Logo na infância a tinha bebido na fonte mais cristalina e abundante, porque fora discípulo de

Castilho, quando o luminoso cego abriu o colégio do Pórtico. Na sua obra capital – os “Sonetos” – se pode ver como ele a maneja. Se não conhecesse a língua, não tinha feito aquela obra-prima». Também Antero estimava Bulhão Pato, de quem disse, em 1873: «literariamente as tuas sátiras são um verdadeiro triunfo; rigor, concisão, simplicidade, – naturalidade. Tens ali versos que hão de ficar na língua». Era um sinal de amiga bondade. O último encontro que houve entre os amigos foi em setembro de 1885, estava Antero em casa de Oliveira Martins no Porto. «Tinha eu acabado de almoçar no Grande Hotel, quando recebi a visita do meu velho amigo O.M.. O eminente vinha convidar-me para ser seu hóspede. Não podia aceitar a afetuosa oferta, porque não me demorava mais de que algumas horas naquela cidade (...). – Antero vai ter uma surpresa e um alegrão, vendote – disse-me O.M.. Saímos juntos. Entrámos naquela casa luminosa e serena! Ninguém diria que, na arena política, o dono dessa casa andava, em tal momento, numa pugna cruel com um vigoroso e terrível adversário: as espadas feriam lume, como os gládios dos lutadores do circo! Antero de Quental quando ouviu pronunciar o meu nome, levantou-se da sua mesa de almoço, para me abraçar numa expansão de alegria, rara nele! Estava animado; aquela casa era grandemente propícia à sua inteligência e ao seu honrado e amantíssimo coração. Tinha ao pé de si um amigo leal e de grande talento, o trato carinhoso de uma senhora, onde a educação primorosa, reunida à candura da alma produziam a flor mais suave para dar aroma e encanto ao lar doméstico». Já não era o Antero de tempos idos. Havia mais desdém que ironia, mas era a mesma humanidade e o mesmo génio. Despediram-se à porta do cemitério de Agramonte («sorrindo-se benévolo e triste»). Hoje, sentimos essa força evocativa da memória viva...

A MEMÓRIA DE HERCULANO

Lembremos sobre Herculano a invocação do Vale de Santarém: «Era plena primavera. Num ramalhete ondeante de loireiros, que sombreavam a azenha, os rouxinóis cantavam e eu julgava ver os olhos verdes de Joaninha, faiscando como esmeraldas, ao escutar os hinos



Bulhão Pato ensina-nos o contributo decisivo do cidadão como figura moralizadora da pátria e instituidor da liberdade. «Os invejosos mordazes até inventaram que A.H. era homem áspero e brutal no trato. Não conheci ninguém mais sincero, mais simples e ao mesmo tempo mais amorável e sem afetação, delicado».

daqueles inovadores alados que, do carinho da noite até à madrugada, improvisam, há milhares de anos, o poema vivo que faz palpitante todos os corações juvenis». A proximidade permite-nos conhecer muitos dos pormenores da vida do mestre: «viajar com A.H. era, às vezes, ouvir lições de história, na mais elevada, elegante e ao mesmo tempo despreziosa linguagem. Ao visitarmos as ruínas de Santarém, de uma pedra de mármore, onde o punção abria algumas letras, de um troço de coluna gótica, de uma volta pontiaguda de abóboda reconstruía aquele espírito de artista, com a sua grande penetração histórica, como que a primitiva fábrica». Ficamos a conhecer o erudito: «Herculano era generoso, mas económico. Comprado Vale de Lobos, aplicou todos os rendimentos ao custeio da propriedade rural e à edificação da casa» (...) «Azeite de prato, como é notório, era coisa que não se conhecia em Portugal. Foi Herculano quem deu a iniciativa fabricando o precioso azeite de Vale de Lobos». Bulhão Pato ensina-nos o contributo decisivo do cidadão como figura moralizadora da pátria e instituidor da liberdade. «Os invejosos mordazes até inventaram que A.H. era homem áspero e brutal no trato. Não conheci ninguém mais sincero, mais simples e ao mesmo tempo mais amorável e sem afetação, delicado». E lembramo-nos do episódio de Tomás d’Alencar de «Os Maias», considerado por alguns a caricatura de B. Pato. Eça encarregar-se-ia, de desfazer o equívoco. «E visto que nada agora pode justificar a permanência do sr. Bulhão Pato no interior do sr. Tomás d’Alencar, causando-lhe manifesto desconforto e empaturramento – o meu intuito final com esta carta é apelar para a conhecida cortesia do autor da Sátira, a rogar-lhe o obséquio extremo de se retirar de dentro do meu personagem». E cabe uma derradeira nota, gastronómica. Bulhão Pato aparece associado às amêijoas que não são suas, mas uma homenagem do grande João da Matta. As suas receitas são de caça, que servia principescamente na casa do Monte da Caparica. Paulo Plantier («O Cozinheiro dos Cozinheiros») dá-nos o menu coevo: Açorda à Andaluza (com azeite Herculano), Perdizes à Castelhana, Arroz opulento e Lebre (essa sim) à Bulhão Pato.

Artigo publicado no Centro Nacional de Cultura.

A ESCOLA MUNICIPAL DE ÓBIDOS

Enfoque na continuidade entre etapas educativas

A educação em Portugal está a passar por uma fase conturbada e com sucessivas mudanças no sistema educativo. Sucedem-se as reformas sem que se dê maturidade às muitas alterações que se vão promovendo na escola pública. Muda-se o Ministro da Educação, mudam-se as políticas educativas.

É neste contexto que, em Óbidos, surge uma nova proposta educativa que poderá trazer estabilidade à educação, ser uma aposta na continuidade educativa e constituir um grande desafio para os estudantes, suas famílias, professores e educadores: a criação de uma escola municipal com um projeto contextualizado e devidamente adequado àquele território.

Desde o ano de 2001 o Município de Óbidos tem estudado sistemas educativos europeus, procurado novos parceiros e promovido (e participado em) eventos científicos nacionais e internacionais para perceber como poderia encontrar o projeto educativo ideal para o concelho. O grande objetivo passava por criar os alicerces para uma escola de qualidade, autónoma, criativa e inovadora.

Foram criadas, ao longo dos anos, várias equipas de trabalho, fizeram-se inúmeras reuniões com ministros da educação, secretários de estado, diretores regionais de educação, com docentes e investigadores de Universidades e Institutos Politécnicos para chegar a um modelo que pudesse, de uma vez por todas, ser implementado no Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos.

No final de 2013 é anunciada a tão esperada aprovação do projeto pelo Ministério da Educação. Óbidos finalmente poderá testar o modelo de Educação Municipal num projeto construído com/pela comunidade educativa. No processo já estão a participar professores, educadores, famílias, alunos, autarcas e empresas da região. Foi criada uma comissão científica para liderar e acompanhar os trabalhos para que no início do ano letivo 2014/15 se possa implementar aquela que será a primeira Escola Municipal do país.

Esta Escola Municipal terá um enfoque muito particular nas questões da



■● MIGUEL OLIVEIRA
*Escola Superior de Educação
e Ciências Sociais – Instituto
Politécnico de Leiria*

**... é fundamental
implementar
metodologias
socio-
construtivistas
assim como uma
pedagogia mais
centrada nos
estudantes,
tornando todo o
processo
educativo mais
participado e
motivador.**

continuidade educativa com o levantamento e resolução de problemas relacionados com a transição entre ciclos. Uma das lacunas que se tem verificado no processo educativo é a falta de articulação entre as diferentes etapas do percurso académico dos estudantes. Pelos estudos realizados são perceptíveis os problemas de articulação entre, por exemplo, a Educação Pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico ou entre o 1.º e o 2.º Ciclos do Ensino Básico: os docentes não conhecem os diferentes ciclos com os quais devem articular; as metodologias utilizadas nas várias etapas são normalmente muito distintas; embora haja, por vezes, articulação de conteúdos, na maior parte dos casos, não há articulação metodológica; a avaliação dos alunos raramente serve como instrumento de continuidade; há um afastamento entre a família e a escola, entre muitos outros problemas.

Neste sentido é fundamental implementar metodologias socio-construtivistas assim como uma pedagogia mais centrada nos estudantes, tornando todo o processo educativo mais participado e motivador. Pretende-se que a pedagogia de Óbidos possa ser inspirada em modelos e perspetivas socio-construtivistas como acontece nas abordagens Reggio Emilia, Movimento da Escola Moderna ou Pedagogia-em-participação.

Pretende-se, no fundo, romper com a pedagogia de transmissão e promover uma pedagogia de participação e criatividade em que a atividade do aluno possa ser: «questionar, participar na planificação das actividades e projectos, investigar e cooperar» e o papel do professor seja o de «organizar o ambiente, escutar e observar para planificar, documentar, avaliar, formular perguntas, estender os interesses e conhecimentos [dos alunos] e do grupo em direcção à cultura» (Oliveira-Formosinho, 2009).

Na Abordagem Óbidos Criativa pretende-se que todos sejam chamados a participar e todos possam ter um papel fundamental no sucesso desta Escola Municipal.

Uma revista de escritores e de livros?

BEM... UMA TEMERIDADE, DIZEM AQUELES QUE HÁ MUITO VEEM COM OLHOS CÉTICOS QUALQUER INICIATIVA MUITO ESPECIALIZADA NESTA ÁREA. Com um franzir de sobrolho, começam num exercício de memória, a contar as revistas literárias que existiram há uns bons anos atrás e que, aos poucos, foram perdendo a força, não a qualidade é claro, acabando por morrer nos escaparates das bibliotecas, pois aí chegavam sem qualquer custo financeiro e eram muitas vezes, a par do JL, os únicos documentos que abordavam temas à volta dos escritores e dos livros, trazendo ao conhecimento do público, não só novidades literárias, como **recensões críticas de algumas obras e entrevistas aos escritores.**

Logo lhes chega, também, à ideia, o que acontecia nas livrarias, onde dezenas de revistas iam ficando amontoadas na esperança de algum leitor mais intelectual por lá passar...

Os livreiros, esses, já sem ânimo, aceitavam, com alguma relutância, ficar com revistas literárias, na certeza de que nada se venderia. - Já não há gente como antigamente, que vinha aqui à procura desta literatura, sussurrava o dono da livraria «livros e revistas com jeito». Acontecia, muitas vezes, os mais jovens pedirem para lhes ser facilitada a venda de livros e revistas, através de pagamentos fracionados. Havia ânsia por um determinado tipo de leitura e isso resultava na procura de literatura de qualidade. Eram pessoas cultas, professores, médicos, agentes da administração pública, alguns cidadãos anónimos e também estudantes ciosos do conhecimento. Algumas dessas revistas eram financiadas e tinham uma vida efémera, acrescentava o livreiro desalentado com o marasmo em que se encontrava o negócio.

Era grande a vontade de desabafar, reclamando a falta de apoios do setor e o alargamento da venda de livros às grandes superfícies comerciais, competindo estas, também, ao nível do preço, o que contribuiu para o encerramento de muitas livrarias, por todo o país. Outros... apesar das vozes contraditórias, entendem que nesta época de crise generalizada e de mudança de paradigma, é muito importante acreditar que é possível a evolução e o bem-estar das sociedades através do domínio e apropriação do conhecimento.

No entanto, os caminhos a percorrer poderão ser diferentes com os mesmos critérios de qualidade, mas formas de abordagem inovadoras, tanto



■● GRAÇA ARRIMAR
Professora, Escritora

Temeridade, sonho ou desafio?... Um pouco de tudo isso antevejo neste projeto, pois só assim, o desbravar de novos caminhos numa época de tantas solicitações, como a que vivemos. Porém, sublinho as palavras do poeta: o mundo é dos que sonham.

ao nível dos conteúdos como da apresentação e divulgação do produto final, de forma a chegar num curto espaço de tempo ao mundo global, chamar a atenção de públicos variados para esta vertente da cultura de forma fácil e atrativa, fazendo uso das ferramentas que a Web disponibiliza.

ADÉLIO AMARO, editor e também escritor, com a sua capacidade empreendedora e criadora afirma-se, corajosamente no mundo cultural, desta feita, fazendo uso da sua criatividade mas, aproveitando os seus conhecimentos no mundo das tecnologias da informação e comunicação para levar, junto de um certo público, os escritores e obras, assim como acontecimentos e comentários sobre o mundo literário.

Temeridade, sonho ou desafio?... Um pouco de tudo isso antevejo neste projeto, pois só assim, o desbravar de novos caminhos numa época de tantas solicitações, como a que vivemos.

Porém, sublinho as palavras do poeta: o mundo é dos que sonham.



AVENTURAS ENTRE AÇORES, PARIS E ESTADOS UNIDOS

Graça Jacinto com «Laços fortes e decisões difíceis» no primeiro livro



«LAÇOS FORTES E DECISÕES DIFÍCEIS», é o primeiro livro de GRAÇA JACINTO, tendo sido apresentado em várias localidades do país, este romance está a angariar enorme sucesso entre os leitores.

A aventura de vários personagens percorre lugares como Leiria, Caldas da Rainha e São Martinho do Porto, como as ilhas do Faial e em destaque o Pico, Paris e Nova Iorque. Uma troca de emoções entre figuras que tocam as histórias reais que se abraçam ao imaginário que a autora fez transbordar para o elenco da fantasia.

Este romance, embora de forma ligeira, aflora o tema das crianças autistas que necessitam de um ensino e especialmente de um carinho especial.

Embora seja uma narrativa ficcionada com base nos conhecimentos reais, um dos personagens deste romance é mesmo uma professora de Educação Especial, que parte em busca de seus pais...

No enredo deste romance são destacados os valores da família, dos amigos e as relações pessoais...

Adélio Amaro, autor do prefácio de «Laços fortes e decisões difíceis» de GRAÇA JACINTO, num dos parágrafos descreve o referido livro como "Numa permuta de ideias e ideais, de aventuras, de sentimentos, de desejo e essencialmente de saudade, desponta a união entre o continente e ilhas. União quebrada pela ponte ausente que tem seus pilares lacrados na força do mar e pela lágrima que teimosamente concebeu seu atalho no rosto de quem tem o sonho na mão e a saudade no coração.

GRAÇA JACINTO nasceu em 1965 na aldeia de Chão da Parada, situada na freguesia de Tornada, no concelho de Caldas da Rainha, a poucos quilómetros do inspirador mar.

Tirou o curso do Magistério Primário, licenciou-se depois em Estudos Portugueses

es e Ingleses e, mais tarde, especializou-se em Educação Especial nos domínios cognitivo e motor.

Está integrada no ensino há cerca de um quarto de século, profissão que a levou, ao longo dos anos, a fazer as malas e a percorrer vários pontos de norte a sul do país.

Desenvolve actualmente a sua actividade profissional como docente de Educação Especial com um grupo de crianças autistas, numa escola de Leiria.

A dança, a leitura, a escrita e as viagens estão entre as actividades de eleição para ocupar os seus tempos livres.

Excerto da obra

«Saiu disparada, batendo com a porta, pôs os óculos de sol e entrou na rua debaixo de um abrasador calor de agosto. Agosto no centro de Manhattan! Nova Iorque! Mas Nova Iorque é Nova Iorque, naquele calor ou noutra, é sempre New York City.

Só que ela nem o calor conseguia sentir. Sentia-se como que anestesiada pela discussão que acabara de ter. Parecia-lhe agora que a sua vinda a Nova Iorque fora um profundo erro.

Mas afinal do que é que estava à espera? Questionou-se. Saíra da sua terra natal, atravessara o oceano Atlântico na esperança de encontrar a sua mãe biológica, aquela que a trouxera ao mundo, sangue do seu sangue. Mas aquela discussão acabava agora com todas as expectativas. Todas!»



**«Laços fortes e decisões difíceis»
GRAÇA JACINTO
FOLHETO EDIÇÕES, 416 pp.**

DO JORNALISMO PARA A LITERATURA

Costa Santos:

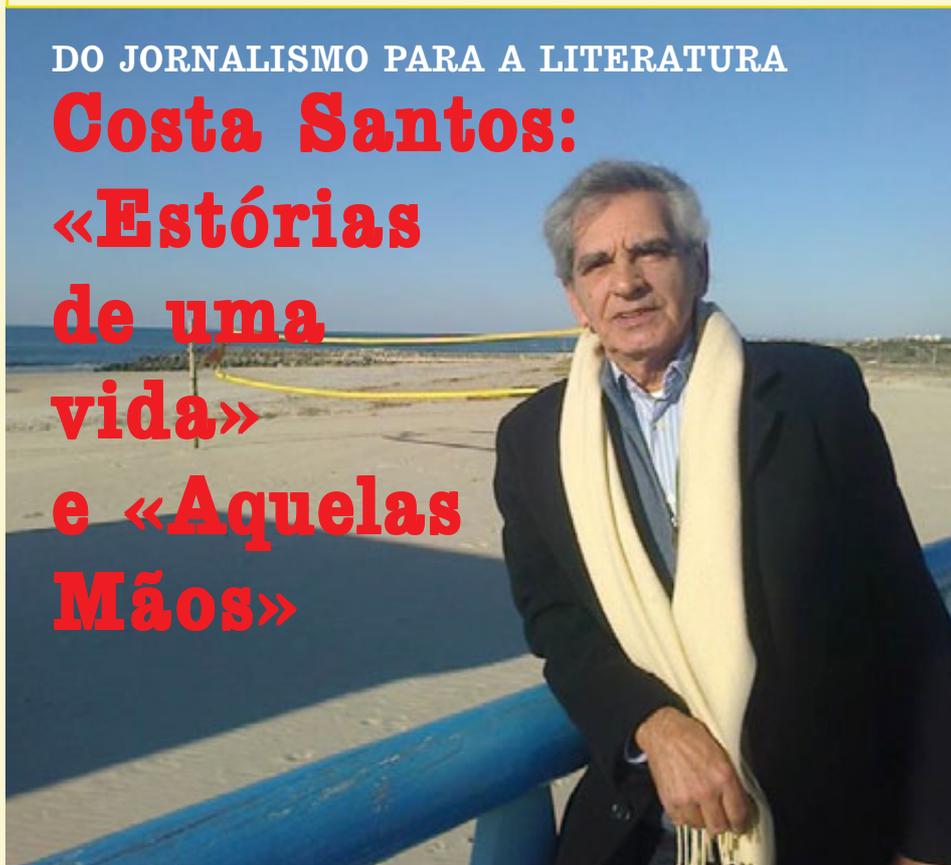
«Estórias

de uma

vida»

e «Aquelas

Mãos»



JOSÉ ANTÓNIO DA COSTA SANTOS, nasceu em Lisboa, a 26 de Novembro de 1943, mas foi em Coimbra que fez os seus estudos e iniciou a profissão com que sonhara: jornalista.

Do jornal do Liceu D. João III «O Pálio» até chegar ao Desportivo Record (em Janeiro de 1973), passou pelas redacções da Capital, Tempo, Globo e A Bola. Quarenta anos de jornalismo que lhe permitiram viajar pelos cinco Continentes.

A pintura era uma paixão «adormecida», era sonho, desejo, quase obsessão...

Porém, só em 2003 depois de 20 anos ao serviço do Record se entregou de alma e coração à pintura.

Frequentou o curso de Desenho e Pintura da Universidade Vasco da Gama, em Coimbra.

As paisagens tinham de ser... constituem o tema dominante dos seus trabalhos. A Natureza com toda a sua força; o mar com todo o seu esplendor, o xisto e as aldeias que lhe são fiéis, enfim, temáticas que não se cansa de transpor para as telas, com amor.

Nestes anos de entrega fez inúmeras exposições individuais: Coimbra, Arganil, Leiria, Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande, Castanheira de Pêra, Lousã, Sintra, Santarém, Piódão e mais recentemente no Luxemburgo onde a sua obra foi muito bem recebida.

Marcou presença na IV Bienal de Arte

Figurativa de Alenquer (2006) e na Exposição Internacional de Vigo (Espanha, 2007).

«Aquelas Mãos» (2011) foi o seu primeiro livro e, tal como a pintura, o realismo é a sua temática predilecta. Uma história real vivida entre 1948/50.

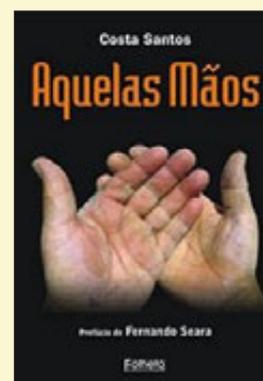
Com prefácio de Fernando Seara, "Aquelas Mãos" é um testemunho vivido e sofrido que pode ser interpretado de muitas e variadas maneiras, visto que é uma homenagem a todos os personagens da história de vida que COSTA SANTOS relata no referido livro.

Em 2012, com prefácio de Ribeiro Cristóvão, COSTA SANTOS deu a conhecer o seu mais recente livro, intitulado «Estórias de uma vida» onde dá a conhecer anos e anos a calcorrear o mundo. Descolar aqui, aterrar além. Nos cinco Continentes. Atrás da notícia ou à procura dela. Amizades que não se confundiam com profissionalismo; profissionalismo que respeitava todos os valores que, na altura, eram «regras de vida» que ninguém trocava fosse pelo que fosse.

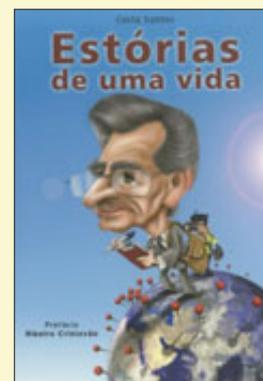
Neste «olhar para trás» ressalta o desejo de que tudo deveria continuar a ser como... era! Mas não. Os tempos muda-

ram. Os valores perderam-se. Talvez por isso estas estórias tenham sentido...

Com a caricatura desenhada por Carlos Laranjeira, neste «Estórias de uma vida» encontramos grandes figuras, na sua maioria ligadas ao mundo do desporto, e muitas outras que já partiram do mundo dos vivos. É possível ler estórias na primeira pessoa em que COSTA SANTOS conviveu com nomes como Maradona, Santiago Barnabéu, Pauleta, Luís Figo, José Mourinho, Jorge Sampaio, Fernando Martins, Pinto da Costa, João Rocha, Miguel Indurain, Fernando Santos, Artur Jorge, Toni, Jardel, Gil e Gil, Ronaldo, Mário Wilson, João Vieira Pinto, Jimmy Hagan, Dani, José Torres, Manuel Fernandes, Marco Chagas, Rui Nabeiro, João Nabeiro, José Manuel Capristano, José Guilherme Aguiar, Manuel José, João Alves, José Maria Pedrote, Octávio Machado, Augusto Inácio, Jorge Gonçalves, Humberto Coelho, José Redondo, Carranca Redondo, João Moreno, Valentim Loureiro, Jorge de Brito, Shéu, Erikson, Joaquim Agostinho, Dias Ferreira, Jorge Cadete, Vale e Azevedo, Mário Moreno (Cantiflas), entre muitos outros.



«Aquelas Mãos»
COSTA SANTOS
FOLHETO EDIÇÕES, 144 pp.



«Estórias de uma vida»
COSTA SANTOS
FOLHETO EDIÇÕES, 240 pp.

O PROFESSOR ERNESTO RICOU É O GRANDE OBREIRO DESTA INICIATIVA

Eça de Queirós na Casa Mundo em Lausanne na Suíça

O PROFESSOR RICOU É UM HOMEM ALTRUÍSTA E GENEROSO

que se preocupa não só com os valores, mas também com as origens da humanidade.

A sua generosidade verifica-se através da sua arte e da boa vontade, e ainda na partilha da sabedoria das diferentes culturas que enriquecem os povos.

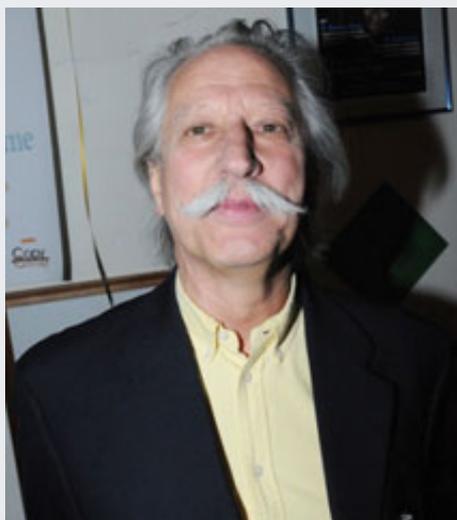
O professor Ricou é um abnegado homem das Artes e das Letras. Assim, mais uma vez, a Casa Mundo organizou um evento de grande valor que contou com a presença de diversas personalidades, entre as quais o embaixador João Ramos Pinto e o cônsul-geral Miguel Calheiros Veloso. A escola portuguesa de La Sarraz também esteve presente. O evento decorreu no dia 16 de novembro, em Lausanne, na Casa Mundo, na Avenida Tivoli.

Qual o motivo de todo este momento?

Hoje tivemos a inauguração do centro de estudos de Eça de Queirós. Vamos apresentar uma pequena coleção de documentos históricos e literários. Na primeira parte, tivemos a visita do nosso querido embaixador João Ramos Pinto e do nosso querido cônsul-geral em Genebra, Miguel Calheiros Veloso. Na segunda parte, tivemos uma conferência proferida por Lauren Gigon sobre a manifestação dos direitos da criança. Lauren Gigon é uma verdadeira especialista em questões da infância, e em direitos da mãe e da família. A sua conferência foi muito interessante, muito rica, de debate e de interação entre a audiência e os diversos intervenientes. Foi uma grande manifestação, foi um grande dia dos direitos da criança.

Que ilações se podem tirar com esta iniciativa?

Primeiramente, esta iniciativa é uma ajuda, um instrumento para as crianças e docentes da Escola de Língua e Cultura Portuguesa. É um instrumento novo que está a partir de agora à disposição de todos. Depois, é um apelo à solidariedade humana, no que toca à parte feminina, às mães e às crianças que se afogaram na tragédia de Lampedusa, onde perderam a vida centenas de pessoas. A oradora da



Este centro de estudos também é uma forma de as crianças serem mais solidárias no futuro? Há valores que estão esquecidos?

Exatamente, com toda a certeza. O individualismo, o conforto enorme que temos aqui, na Suíça, faz-nos desviar o olhar para aquilo que é essencial.

Este estudo é permanente?

Sim, fica à disposição de todos e é permanente. Este centro de estudos vai-se desenvolver ainda mais com dádivas, e é claro que não estão ainda reunidas todas as obras de Eça de Queirós, porque a sua obra é muito vasta, mas podemos dizer que temos um bom resumo de apoio a um estudo. Não podemos esquecer que Eça de Queirós também foi um emigrante, e o embaixador bem o sublinhou. Recebemos uma carta da Dona Salema, a administradora da Casa Museu de Eça de Queirós, em Tornes, que nos encoraja e nos agradece por termos aberto este pequeno centro aqui na Suíça.

Adelino Sá (Texto)

Nidal Alsaber (Fotografia)



«TENTAÇÃO» – NOVO ROMANCE

Elzio Luz Leal da Academia Pan Americana de Artes e Letras

ELZIO LUZ LEAL é um escritor brasileiro, residente na cidade do Rio de Janeiro.

Tem participado em vários movimentos culturais naquela cidade e um pouco por todo o Brasil, frequentando o Centro de Literatura do Forte Copacabana, do Exército, do Clube Naval, do Museu Conde de Linhares.

Diversas vezes agraciado com medalhas e diplomas pelas suas iniciativas culturais tendo sido a Revelação Literária do Ano de 2013 pela Rádio Band, AM 1630.

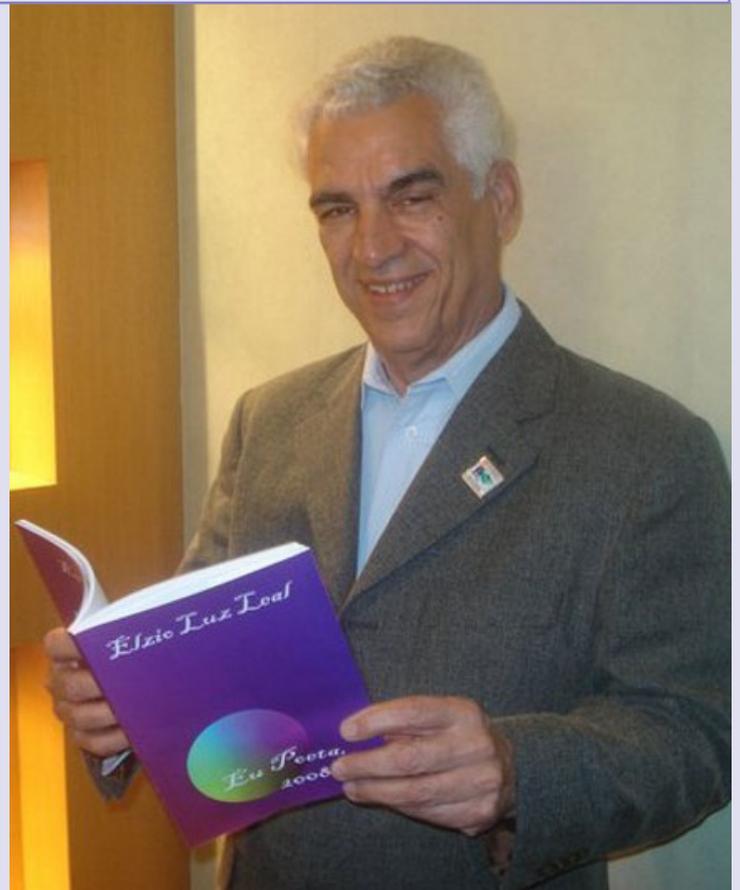
Autor de dois livros de poesias: «Eu poeta 2008» e «Intimidades». O primeiro com a edição esgotada.

É ainda autor de dois romances e está trabalhando em um terceiro.

Elzio Luz Leal é Diretor de Divulgação da Academia Pan Americana de Artes e Letras (APALA), Diretor da Academia Brasileira de Letras e Artes Pela Paz, acadêmico da Divine Academie des Arts, Lettres et Culture, de Paris, que divulga as artes brasileiras na Europa e participante da Confraria de Artes pela Paz (CAPPAZ).

No primeiro trimestre do presente ano Elzio Luz Leal dará a conhecer em Portugal o seu novo romance, «Tentação», que está sendo editado pela Chiado Editora.

A AICAL Livros teve acesso ao prefácio do novo romance de Elzio Luz Leal, assinado por Luiz Gilberto de Barros (Luiz Poeta), Professor de Línguas e Literaturas Brasileira e Portuguesa e Presidente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes, que descreve «Tentação» como um «expressivo romance, cujo conteúdo resgata importantes momentos históricos, e ao mesmo tempo revive e recria personagens necessários a uma trama marcada pela sedução do começo ao fim... envolver-me em cada uma das ações, imagens e no próprio desenvolvimento de um belíssimo romance que, embora nos traga um conteúdo basicamente histórico,



indubitavelmente resgata o prazer de ler, embevecer-se, viver e até de nos tornarmos parte virtual de um enredo que prima pelo embevecimento a cada capítulo percorrido.

...Desde importantes e sérias reuniões abolicionistas, a agradáveis saraus bem típicos da época ainda colonial, ou a bucólicas passionais desenhadas por furtivos e envolventes encontros amorosos na casa grande, nos casarões da cidade e nas beiras de rio, bosques e matas, o enredo delinea-se no balanço das ideias, da pena e da sensibilidade «elziana», ganhando consistente humanidade, verdade e lirismo em cada uma das envolventes ações que o conduzem. Claro que esses encontros às escondidas – e que tanto seduzirão o leitor... Era um tempo em que o preconceito grassava no seu sentido mais sórdido e os que entendessem o negro como à sua semelhança, eram severamente criticados e mesmo atacados pelas classes sociais privilegiadas social e economicamente.

Ler esta obra é tornar-se parte dela, é ser um anónimo porém imprescindível viajante nas repetidas idas e vindas de Minas Gerais rumo ao Rio de Janeiro, num complicado itinerário percorrido pelas carroças, mulas, cavalos e burros, através de uma vagarosa, difícil e árdua caminhada por trechos de mata».



«Tentação»

ELZIO LUZ LEAL

CHIADO EDITORA

O romance «TENTACÃO» conta uma relação de amor de um branco e uma mulata, de um senhor e uma escrava, mostrando que amor não tem cor, não tem raça, não tem preconceitos, só tem doação! Onde mostra também a luta pela abolição da escravidão e da farsa que foi armada pela elite para se abolir a escravidão, mas continuar a exploração!



FRANÇA

Alice Machado na palma da mão escreve Francês e no sonho Português

NASCIDA EM TRÁS-OS-MONTES, ALICE MACHADO vive em França há mais de 25 anos onde se tem dedicado ao mundo da Literatura, tanto com a publicação dos seus livros como na colaboração em vários eventos literários.

Tem Mestrado em Arte e Civilização Latino-Americana e Doutoramento em Literaturas Modernas da Universidade de Paris VIII.

Embora escreva em Francês, considera o Português a sua Língua mãe, tendo vários livros traduzidos na Língua Portuguesa.

Foi convidada a participar na segunda edição das Pontes Lusófonas, organiza-

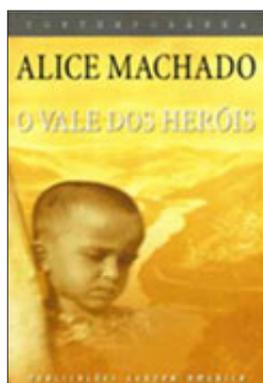
das pelo Instituto Camões, na presença do Prémio Nobel da Literatura José Saramago, como escritora representante da Diáspora portuguesa da Europa.

Fez parte da delegação dos escritores portugueses convidados de honra na edição 2000, do Salão do Livro de Paris. Recentemente, recebeu a Medalha de Honra do Parlamento Português, em reconheci-

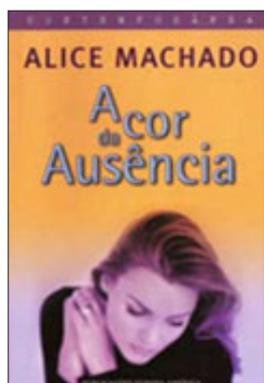
mento do seu trabalho de criação literária. Entre outros reconhecimentos, recebeu, ainda os prémios "Label" da revista Elle e da Assembleia Nacional Francesa.

Tem participado nos principais Festivais, Salões e Encontros literários, em França e Portugal.

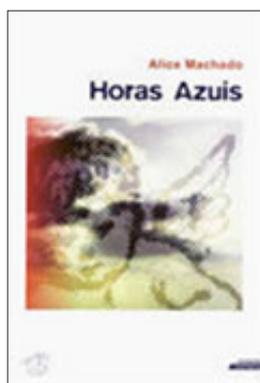
Estão disponíveis, em Portugal, várias obras da sua autoria: "O Vale dos Heróis" (Europa-América, 2000); "A Cor da Ausência" (Europa-América, 2001); "Horas Azuis" (Campo das Letras, 2002); "A Agitação dos Sonhos" (Campo das Letras, 2004) e "À sombra das montanhas esquecidas" (Campo das Letras, 2007).



«O Vale dos Heróis»
ALICE MACHADO
EUROPA-AMÉRICA



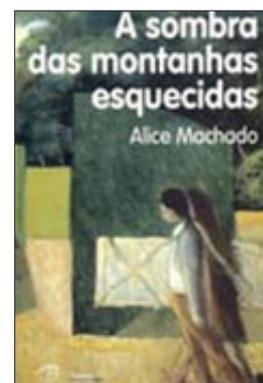
«A cor da Ausência»
ALICE MACHADO
EUROPA-AMÉRICA



«Horas Azuis»
ALICE MACHADO
CAMPO DAS LETRAS



«A Agitação dos Sonhos»
ALICE MACHADO
CAMPO DAS LETRAS



«À sombra das montanhas esquecidas»
ALICE MACHADO
CAMPO DAS LETRAS

Moçambique



PRESIDENTE DO CÍRCULO DE ESCRITORES MOÇAMBICANOS NA DIÁSPORA (CEMD)

Delmar Maia Gonçalves defensor das raízes Moçambicanas

dária de Parede, actualmente denominada Escola Secundária Fernando Lopes Graça.

Foi bolseiro do Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC). Estudou também e fez formação complementar no Instituto Piaget de Almada, na Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação), na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), no Instituto de Línguas e Informática da Parede, na Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa e em Centros de Formação de Professores de Cascais, Oeiras e Lisboa.

Foi Bibliotecário, em 1993, na Biblioteca Professor Doutor João Morais Barbosa do ISEC, em Lisboa. Actualmente é também Professor Bibliotecário.

Delmar Maia Gonçalves participa regularmente em vários festivais internacionais de Literatura e toda a sua actividade literária já o honrou com várias distinções desde muito novo, onde se destacam: Primeiro Prémio de Jogos Florais da Escola Secundária da Parede (1985/86); Prémio Português de Literatura Juvenil Ferreira de Castro em Poesia (1987); Seleccionado para o 4.º Cancioneiro Poético Infante-Juvenil da Língua Portuguesa (1999); Galardão de Literatura África Today (2006); Distinguido na Primeira Gala

da Casa de Moçambique com o prémio Kanimambo (2008); Finalista do 12.º Certame Internacional de Poesia e Conto breve MIS ESCRITOS da Argentina (2013) e finalista do Primeiro Concurso de Poesia Contra o Racismo do ACIDI (2013).

O poeta Moçambicano foi, ainda, membro do Júri do 1.º e do 2.º Concurso Internacional de Escritores Infante-Juvenis "La Atrevida", em 2012 e 2013 respectivamente.

Delmar Maia Gonçalves é autor de cinco livros, todos eles relacionados com Moçambique e África: «Moçambique Novo, o Enigma» (2005); «Moçambiquizando» (2006); «Afrozambeziando Ninfas e Deusas» (2006); «Mestiço de Corpo Inteiro» (2006) e «Entre dois rios com margens» (2013).

Ainda no âmbito literário participou em Antologias Internacionais em Moçambique, Espanha, Brasil, Portugal e Lituânia.

Colaborou na Revista Tempo, no Jornal Semanário Savana de Maputo e na Revista ÁfricaToday (Portugal e Angola) e Revista Lusofonia (Brasil, Portugal e Angola).

Colabora no Jornal "As Artes Entre as Letras" e na Revista Nova Águia.

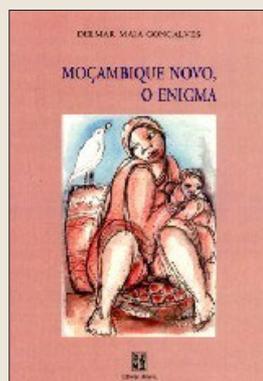
Coordena a Revista Cultural Milandos da Diáspora e a Revista Cultural Licungo, ambas do CEMD.

O Poeta e Escritor **DELMAR MAIA GONÇALVES** nasceu em Quelimane, Província da Zambézia, na República de Moçambique, em 1969. É o Presidente da Direcção do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD), da Associação Lusófona para o Desenvolvimento, Cultura e Integração (ALDCI-ONGD), Vice-Presidente do Espaço Rui de Noronha - Associação, Presidente da Assembleia Geral da AIDGLOBAL-ONGD e Membro da Direcção do Movimento Internacional Lusófono (MIL).

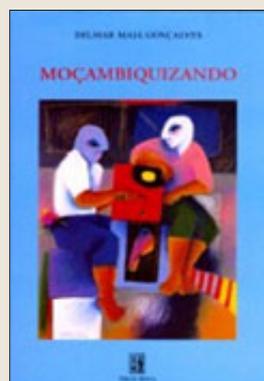
Fez o Ensino Primário em Quelimane na Escola Especial da Quarta Classe de Sinacura, tendo frequentado antes a Escola Primária Vasco da Gama.

Frequentou e concluiu o Ensino Preparatório na Escola Preparatória de Quelimane.

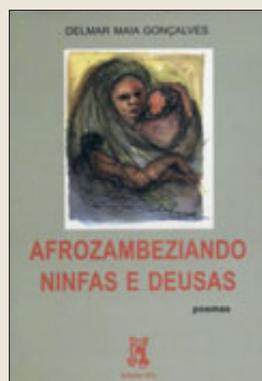
Iniciou o Ensino Pré-Universitário na Escola Secundária 25 de Setembro de Quelimane, tendo finalizado o Ensino Secundário já em Portugal na Escola Secun-



«Moçambique Novo, o Enigma»
DELMAR GONÇALVES
EDITORIAL MINERVA



«Moçambiquizando»
DELMAR GONÇALVES
EDITORIAL MINERVA



«Afrozambeziando Ninfas e Deusas»
DELMAR GONÇALVES
EDIÇÕES MIC



«Mestiço de Corpo Inteiro»
DELMAR GONÇALVES
EDITORIAL MINERVA



«Entre dois rios com margens»
DELMAR GONÇALVES
CEMD EDIÇÕES

FALAR DE NEORREALISMO É FALAR DE...

António Alves Redol

«António Alves Redol nasceu em Vila Franca de Xira, em 1911. Com apenas 15 anos publica o seu primeiro artigo no jornal semanário local *Vida Ribatejana*, dando assim início a uma longa colaboração em jornais da região (para além da *Vida Ribatejana*, saliente-se o *Mensageiro do Ribatejo*) e de Lisboa (*Notícias Ilustrado*), onde publica artigos, crónicas e a sua primeira novela.»

«A qualidade literária dos seus textos cedo se impõe, mas também a sua atitude crítica face às desigualdades e problemas sociais que observa (na sua região, ou em Luanda, onde viveu alguns anos, ao longo dos quais enviou várias crónicas à *Vida Ribatejana*, refletindo as suas preocupações sociais, em torno da problemática da colonização portuguesa em África).

Atento à realidade social e à vida comunitária da sua região, em particular da cidade de Vila Franca de Xira, em 1934, profere a sua primeira palestra no Grémio Artístico Vilafranquense, intitulada *Terra de Pretos – Ambição de Brancos*, sobre a colonização portuguesa em Angola, a que se seguirá, em 1936, uma conferência sobre Arte, onde defende os princípios fundadores do realismo socialista. No final deste mesmo ano publica o seu primeiro conto *Kangondo*, n' *O Diabo* e em 1938 o seu primeiro livro, *Glória – Uma Aldeia no Ribatejo*.

Publica *Gaibéus* em 1939 – obra considerada marco fundador do movimento neorrealista português –, numa época em que é intensa a sua ação político-cultural. Fixa-se, entretanto, em Lisboa e, os anos que se seguem, assistem a uma produção (e publicação) literária de extrema relevância no quadro do movimento neorrealista português: *Nasci com Passaporte de Turista* (1940),

Marés (1941), *Avieiros* (1942), *Fanga* (1943), até aos romances da sua fase de maturidade a partir de *Olhos de Água* (1954) e *A Barca dos Sete Lemes* (1958) até *Barranco de Cegos* (1961), sem esquecer o Teatro e a Literatura Juvenil e Infantil.

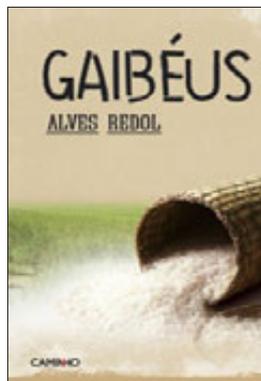
Convive com escritores e artistas nacionais e estrangeiros, tendo assumido o cargo de secretário-geral da Secção Portuguesa do Pen Club, em 1947 e integrado, em 1948, a delegação portuguesa que participou no Congresso dos Intelectuais para a Paz, realizado na Polónia.

Com o romance *Horizonte Cerrado* (escrito em 1949), o primeiro do Ciclo do *Port-Wine*, é-lhe atribuído, o Prémio Ricardo Malheiros, em 1950.

A sua vasta produção literária integra ainda peças teatrais, literatura infantil, contos, traduções e estudos diversos. Alguns dos seus romances estão traduzidos em várias línguas.

Alves Redol morreu em 1969; o seu romance *Reineiros* é postumamente publicado (1972).»

Caminho



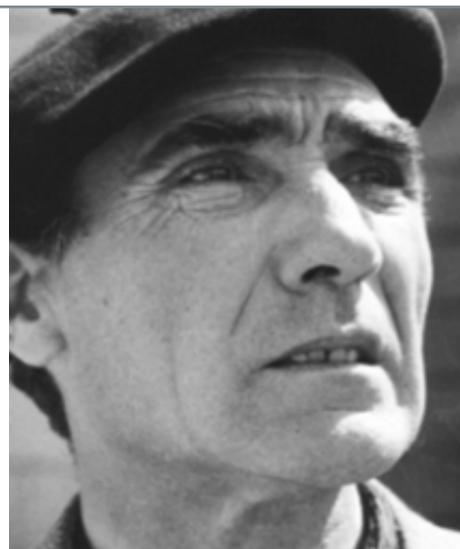
«*Gaibéus*»

ALVES REDOL

CAMINHO, 464 pp.

O romance «*Gaibéus*» foi publicado pela primeira vez em 1939. É o ponto de partida da obra romanesca de Alves

Redol. Mas é também o ponto de chegada de uma longa reflexão do autor sobre o significado e o papel da arte, o primeiro edifício do programa de uma literatura nova. Dessa reflexão de Redol ficou uma série de artigos publicados em jornais de Vila Franca de Xira, onde vivia — «*Vida Ribatejana*» (entre 1927 e 1934) e «*Mensageiro do Ribatejo*» (entre



1934 e 1940). De destacar ainda a conferência sobre arte, proferida em Vila Franca em 1936. Fiel ao seu ideário, Redol, antes de escrever «*Gaibéus*», realizou um amplo «trabalho de campo» — deslocou-se repetidas vezes à lezíria, chegou mesmo a instalar-se no campo para recolher dados sobre o trabalho nos arrozais. Os seus blocos de apontamentos contêm numerosas indicações técnicas sobre o cultivo do arroz. As próprias relações familiares lhe serviram de documento — o pai de Redol era oriundo da região de origem dos gaibéus. Hoje «*Gaibéus*» é comumente aceito como o romance que marca o aparecimento do neorealismo em Portugal.

Eis o mundo que Alves Redol nos apresenta no seu primeiro romance. História da alienação de uma comunidade de trabalhadores, ficamos a saber até que ponto são explorados, e até que ponto essa exploração se deve à falta de união com outras comunidades de jornaleiros. «*Gaibéus*» é, assim, o romance do divórcio entre ganhões, uns procurando resgatar algumas bouças ou sulcos que ainda lhes pertencem, outros alheios ao que seja possuir qualquer chalorda ou mesmo canteiro. História simbólica do embate de duas diferentes mentalidades, a desunião entre gaibéus e rabezanos é triste e profético paradigma das oposições, ainda hoje bem marcadas, entre os camponeses dos minifúndios e os dos latifúndios. Redol acreditava que seria possível o «casamento» entre uns e outros quando descobrissem que a mesma fome os une. É disso exemplo simbólico a parábola dos quatro jovens rabezanos e dos três jovens gaibéus.

Alexandre Pinheiro Torres

SÃO MIGUEL, AÇORES

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

A BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL DE PONTA DELGADA (BPARPD) foi criada em 1841, abre ao público pela primeira vez a 11 de janeiro de 1846. Em 1931, pelo Decreto-Lei 20484, de 6 de novembro, são transferidas as competências que a Câmara Municipal de Ponta Delgada detinha sobre a biblioteca pública desde a sua fundação para a Junta geral do Distrito de Ponta Delgada, ao mesmo tempo que se cria em anexo o arquivo distrital desta cidade.

Atualmente a BPARPD depende da Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura, através da Direção Regional da Cultura.

A BPARPD está instalada no antigo colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada, edifício do século XVII/XVIII que foi objeto de restauro e adaptação, cuja inauguração ocorreu a 21 de setembro de 2001.

VISÃO

A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada pretende ser uma referência de boas práticas ao nível da promoção da leitura e do acesso à informação e ao conhecimento, tendo por base os princípios da valorização humana, da igualdade e da participação ativa na sociedade.

MISSÃO

A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada tem como missão reunir, preservar e promover o acesso à informação e ao conhecimento, em múltiplas áreas do saber e em diversos formatos e suportes, com enfoque na temática açoriana.



OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO

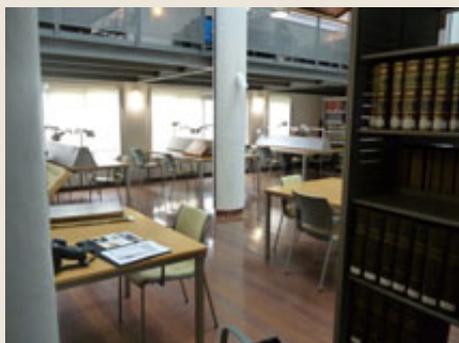
A Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada deve constituir-se como uma porta de acesso ao conhecimento, fornecendo as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural do indivíduo e dos grupos sociais. Visando implementar e prosseguir uma política de democratização da cultura e de abertura à sociedade, oferece serviços com base na igualdade de acesso para todos e cultiva uma atitude pró-ativa, de corresponsabilidade e eficiência. Pretende, neste enquadramento, prestar um serviço personalizado, dinâmico e criativo, em permanente adaptação às necessidades dos utilizadores/clientes.

A BPARPD é dependente da Secretaria Regional da Educação, Ciência e

Cultura / Direção Regional da Cultura e enquadra-se numa tipologia de organismo multifacetado por ser, em simultâneo, uma biblioteca pública e um arquivo regional.

Na sua área funcional de biblioteca pretende dar cumprimento aos objetivos do Manifesto da Unesco para as bibliotecas públicas, nomeadamente: o empréstimo domiciliário, a disponibilização de novos suportes e o acesso a novas tecnologias de informação. Dispõe de um acervo documental único no que diz respeito às livrarias particulares que deram entrada por aquisição, oferta ou depósito, dispondo igualmente de um vasto fundo local em periódicos e monografias. A sua coleção camoniana é das mais ricas do mundo.

Na sua área funcional de arquivo organiza e disponibiliza um repositório da memória histórica dos Açores, em particular das ilhas de São Miguel e de Santa Maria. Tem à sua guarda documentação que remonta ao século XVI e que vai sendo integrada por via das incorporações legais, mas também por aquisição, depósito ou oferta de arquivos e conjuntos documentais. Como detentora de documentação de notários e conservatórias com mais de 30 anos, presta ainda uma função pública certificativa e de registo de averbamentos.



Fundação

CASA DOS BICOS

Sede da Fundação José Saramago

«A Casa dos Bicos, edifício que Brás de Albuquerque, filho do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, mandou construir em 1523, após uma viagem a Itália, e que teve como modelo o Palácio dos Diamantes, em Ferrara, é desde junho de 2012 a sede da Fundação José Saramago. Embora seja legítimo supor que o seu primeiro proprietário gostaria que a sua casa tivesse o mesmo nome, a opinião dos lisboetas de então foi diferente. Onde alguns queriam ver diamantes, eles não viam mais que bicos de pedra, e, como o uso faz lei, de tanto lhe chamarem Casa dos Bicos, dos Bicos ficou e com esse nome entrou na História.

Ao longo dos tempos a casa serviu a distintas funções, tanto privadas como públicas, sendo mesmo utilizada, durante algum tempo, como armazém de balcão. Até 2002 albergou a Comissão dos Descobrimentos, entidade que coordenou as actividades com que se comemoraram as viagens portuguesas, marco fundamental no conhecimento do mundo tal como hoje o vemos.

A Fundação José Saramago pretende que este emblemático edifício seja um espaço público em que se celebrem exposições, recitais, conferências, cursos, seminários, de modo que as suas dependências sejam colocadas ao serviço da cultura. A Casa está aberta ao público, pondo assim termo a um largo período em que nem os lisboetas nem os turistas podiam apreciar os vestígios de épocas passadas que se albergam no piso térreo: um conjunto de estruturas que remonta às primeiras ocupações do espaço, um troço importante da muralha fernandina, tanques romanos (cetárias) de base quadrangular, destinados à salga e conserva de peixes (o famoso garum), e por restos de cerca moura...

O edifício é de propriedade municipal, cedido, mediante protocolo assinado em Julho de 2008, à Fundação por um período de 10 anos.»

A FUNDAÇÃO

«A Fundação José Saramago nasceu porque uns quantos homens e mulheres de diferentes países decidiram um dia que não podiam deixar sobre os ombros de um só homem, o escritor José Sarama-



go, a bagagem que ele havia acumulado ao longo de tantos anos, os pensamentos e vividos, as palavras que cada dia se empenham em sair das páginas dos livros para se instalarem em universos pessoais e serem bússolas para tantos, a acção cívica e política de alguém que, sendo de letras e sem deixar de o ser, transcendeu o âmbito literário para se converter numa referência moral em todo o mundo. Por isso, para que José Saramago pudesse continuar a ser o mesmo, soubemos que tínhamos a obrigação ética de criar a Fundação José Saramago e assim, dando abrigo ao homem, aumentarmos o tempo do escritor, sermos também a sua casa, o lugar onde as ideias se mantêm, o pensamento crítico se aperfeiçoa, a beleza se expande, o rigor e a harmonia convivem.

Sim, decidimos criar a Fundação José Saramago, homens e mulheres que entendemos o valor da obra do escritor e da sua atitude perante a vida. Estamos conscientes da complexidade do trabalho e também do que trará às pessoas que precisam de saber que não estão sós. Somos uma Fundação que respeita o obra e a vida de José Saramago, o que significa que estamos atentos às vozes do mundo, à beleza que os homens podem produzir e à dor e ao isolamento que sofrem, e por isso cada dia tratamos de fazer com que o conceito de esperança seja algo

mais que um vocábulo vazio e retórico. Não necessitamos, para intervir e ser, de autorizações nem de permissões de ninguém, basta-nos saber que somos humanos e que queremos contribuir para o processo de humanização de que um mundo em permanente processo de desumanização necessita. Perante a nossa insistência, José Saramago indicou o caminho. Temos a nossa Declaração de Princípios. Somos o que diz o papel que José Saramago assinou em Lisboa em 29 de Junho de 2007. Somos a Fundação José Saramago.»

in <http://www.josesaramago.org>

Horário de funcionamento:

De segunda a sábado, das 10 às 18 horas (Novo horário)
(Última entrada - 17.30 horas)

Entradas - Preçário
Entrada normal - 3,00 Euros
Entrada para estudantes - 2,00 Euros
Entrada para grupos - 15,00 Euros (por marcação)
Entrada gratuita para crianças até aos 12 anos, maiores de 65 anos e investigadores (por marcação)



Livros e Autores

SOEIRO PEREIRA GOMES

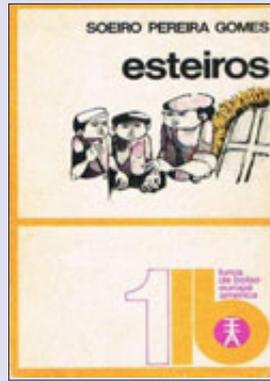
«Esteiros»

Joaquim SOEIRO PEREIRA GOMES, nasceu em 1910 em Gestaço, distrito do Porto. Depois de passar por Coimbra e África, regressou à metrópole em 1931. Com 22 anos fixou-se em Alhandra, empregado de escritório na fábrica de cimento Tejo, onde liderou inédito movimento cultural entre a população operária. Faleceu em 1949, em condições dramáticas, vítima de doença incurável. «Esteiros» foi o seu primeiro romance, editado em 1941, seguindo-se-lhe «Engrenagem», escrito em 1944, mas só editado após a sua morte.

«ESTEIRO», esses canais abertos na margem do Tejo já perto da foz, onde o lodo e a lama são matéria prima para telha e tijolo.

Nos telhais, os moços vergam a mola por salários de miséria. São adolescentes que parecem homens mas nunca foram meninos.

Pelas páginas do livro desfilam o Gineto, o Gaitinhas, o Sagui, o Malesso, o Coca.., pés descalços e ventres ao sol,



«Esteiros»
SOEIRO PEREIRA GOMES
EUROPA AMÉRICA, 176 pp.

verdes anos, idade tenra a pegar pelos cornos uma vida dura e feroz.

Rapazes talhados para escravos ou vadios. Porém, antes escravos, porque os vadios perdem-se enquanto os escravos libertam-se.

Um livro onde o amor, a ternura e a marginalidade incontornável envolvem o leitor desde a compaixão à revolta, à lágrima incontida. Qual choro eco de horas amargas; nó atado na garganta sem voz; alma sentada num barco roto – que somos nós.

MANUEL ALEGRE

«O Canto e as Armas»

MANUEL ALEGRE de Melo Duarte nasceu em Águeda a 12/5/1936. Em 1956 foi caloiro na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Em 1961 foi chamado a cumprir serviço militar e no ano seguinte mobilizado para Angola onde esteve no epicentro da guerra colonial e foi preso pela PIDE em 1963. Regressado a Portugal, foi-lhe fixada residência em Coimbra. Em 1964 exilou-se em Paris, daí demandando Argel onde foi locutor da emissora de rádio «A Voz da Liberdade».

Entretanto os seus livros «Praça da Canção» (1965) e «O Canto e as Armas» (1967) são apreendidos pela Censura, mas cópias manuscritas ou dactilografadas circulam clandestinamente. Poemas seus cantados por Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire e Luís Cília, tornam-se bandeiras da contestação ao regime.

Reconhecido além fronteiras, é o único português incluído na antologia «cent poemas sur l'exil», editada pela Liga dos Direitos do Homem, em França (1993). Em Abril de 2010, a universidade de



«O Canto e as Armas»
MANUEL ALEGRE
CENTELHA, 144 pp.

Pádua (Itália) inaugurou a cátedra Manuel Alegre destinada ao estudo da língua, literatura e cultura portuguesas. Pelo conjunto das suas obras recebeu, entre outros, o Prémio Pessoa (1999) e o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (1998). O executivo municipal de Coimbra atribuiu ao parque da margem esquerda do rio Mondego, junto à ponte de Santa Clara, o nome do seu primeiro livro: Praça da Canção.

«O CANTO E AS ARMAS» é o segundo livro de poemas de Manuel Alegre no exílio e publicado em primeira edição

GONÇALO LOBO

PINHEIRO

«Etéreo»

GONÇALO LOBO PINHEIRO nasceu em Lisboa no ano de 1979 e reside em Belas, concelho de Sintra. Licenciado em Ciências da Comunicação, é fotógrafo desde 2002, tendo nessa área conquistado prémios de destaque. Em 2009 foi dado à estampa o seu primeiro livro de poesia intitulado: *Não Existes ou o breve manual prático de como esquecer um amor antigo*.

«ETÉREO» é o segundo livro de Gonçalo L. Pinheiro. Nele o autor, às vezes de forma explícita e outras encriptada, interpela a vida em ziguezagues transversais onde a realidade se dilui na ficção, onde as asas ensaiam voos rasantes, onde as mãos se abrem em gestos de doação e procura.

Registamos um fragmento do poema «Por enquanto»: *Sê um pouco mais introspectiva./ A minha morada é a mesma./ Quando quiseres vem./ Estoa aqui! Por enquanto...*



«Etéreo»
GONÇALO LOBO PINHEIRO
TEMAS ORIGINAIS, 60 pp.

no ano de 1967. Nele, o autor acentuou a poesia de combate, cantada pelos intérpretes da música de resistência à ferocidade do regime autocrático que vetava a sua difusão: *Que o poema seja microfone e fale / Uma noite destas de repente às três e tal / Para que a lua estoire e o sono estale / E a gente acorde finalmente em Portugal*.

Contudo, um perfume lírico e romântico perpassa pelos versos rebeldes: *...O Manel gosta da Maria do Brás / Onde é que estão os republicanos / E a Maria do Brás que ficou sempre menina / Dentro de mim em Águeda há vinte anos?*

JOÃO PAULO BORGES COELHO – PRÉMIO LEYA 2009

«Rainhas da Noite»

«Um caderno achado num mercado de rua em Maputo transporta-nos para a pequena vila de Moatize, no centro de Moçambique, e para o tempo recuado em que uma empresa belga ali explorava uma mina de carvão.

Sob o olhar atento de um polícia, Annemarie estende a sua rede de espiões, Agnès necessita desesperadamente de um piano, Suzanne deixa-se enlouquecer aos poucos e Maria Eugénia não sabe o que fazer.

Tudo isso num tempo em que, embora brilhando no alto, o sol não ilumina.

Entretanto, nos dias enevoados de Maputo, num futuro distante, um velho faz o que pode para se libertar da carga que esse passado lhe deposi-

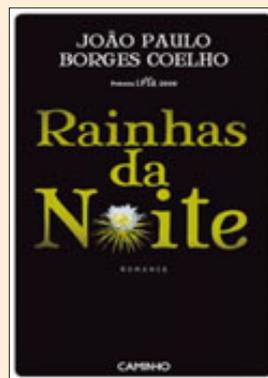
tou nos ombros magros. Conta para tal com uma inesperada ajuda.»

JOÃO PAULO BORGES COELHO

«Nasceu no Porto, em 1955, mas adquiriu nacionalidade Moçambicana.

É historiador. Ensina História Contemporânea de Moçambique e África Austral na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, e, como professor convidado, no Mestrado em História de África da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Tem-se dedicado à investigação das guerras colonial e civil em Moçambique, tendo publicado vários textos académicos em Moçambique, Portugal, Reino Unido, Es-



«Rainhas da Noite»
JOÃO PAULO BORGES COELHO
CAMINHO
376 pp.

panha e Canadá. Iniciou-se na ficção com *As Duas Sombras do Rio*.»

Em 2004 recebeu, com o romance «As Visitas do Dr. Valdez», o Prémio José Craveirinha da Literatura, a maior distinção literária em Moçambique. Com o romance «O Olho de Hertzog» recebeu o Prémio Leya 2009.

A sua obra literária inclui também outros três romances: «As Duas Sombras do Rio» (2003); «Crónica da Rua 513.2» (2006) e «Campo de Trânsito» (2007).

Publicou, ainda, dois volumes de histórias da série «Índicos Índícios» (*Setentrião e Meridiano*), ambos em 2005, e duas novelas: «Hinyambaan» (2008) e «Cidade dos Espelhos» (2011).

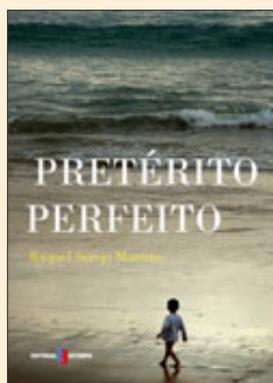
RAQUEL SEREJO MARTINS

«Pretérito Perfeito»

«Pudesse toda uma vida caber num livro? Nestas páginas, assombradas pela inevitabilidade da morte, as memórias são o pretérito perfeito do verbo viver. Eu vivi, diz-nos a personagem principal desta autora, hábil na construção da narrativa, na forma como nos leva pela mão até ao fim, a um fim anunciado que reforça apenas essa capacidade ímpar de agarrar o leitor. É o que RAQUEL SEREJO MARTINS faz neste livro que deve ser lido, como todos os livros que sabem a gente, a vísceras, a medos e alegrias, a histórias contadas e passadas. Um livro com alma, portanto.» *Patrícia Reis*

RAQUEL SEREJO MARTINS é Transmontana. Economista, pós-graduada em Direito Administrativo.

«Comove-se com as pala-



«Pretérito Perfeito»
RAQUEL SEREJO MARTINS
EDITORIAL ESTAMPA
248 pp.

avras do Joaquín Sabina e do Chico Buarque, com as pinceladas da Paula Rego e com o cheiro a terra molhada em entardeceres de Verão.

Depois de *A Solidão dos Inconstantes*, *Pretérito Perfeito* é o seu segundo livro.

ALDA MARIA FERNANDES

«A força da luta pela Liberdade»

«Sentimentos magnânimos: de amor, de solidariedade, de esperança e porque não aludir a alguma irresponsabilidade própria dos generosos e sonhadoras seja quando o Mário pondo mais alto o serviço ao Partido Comunista Português cujos ideais comunga insiste em desafiar a PIDE/DGS numa vinda clandestina a Portugal para preparar e assistir ao 3.º Congresso da Oposição Democrática seja na visita da Sara ao seu marido o Mário preso em Caxias, e, ainda, sentimentos nefastos de desconfiança, de traição e de fraqueza seja entre os seguidores ou vassallos do regime seja mesmo entre companheiros de luta. Apesar de se tratar de um romance ele pretende pedagogicamente ter um enquadramento histórico.» *José Manuel Chaves*



«A força da luta pela Liberdade»
ALDA MARIA FERNANDES
FOLHETO EDIÇÕES
336 pp.

ARMANDO CASTRO «Um Neurónio Curioso»

ARMANDO CASTRO, entre os vários livros que publicou, entendeu lançar um juvenil com o objectivo de incentivar os mais jovens a ler. Por isso, escreveu «Um Neurónio Curioso» onde dá a conhecer várias estórias relacionadas com o mundo juvenil, através das suas vivências como «Avô-Escola» como se auto-intitula, baseando tal descrição no facto de «qualquer avô poderá ser uma enciclopédia...».



«Um Neurónio Curioso»
ARMANDO CASTRO
FOLHETO EDIÇÕES
96 pp.

RUI MATOS «Rafa nas Grutas»

Rafa é um rapaz de 12 anos. Com a sua irmã Joana, dois anos mais nova, e com Dani, colega de turma e companheiro inseparável, vive as mais divertidas e intrigantes aventuras.

Amuleto egípcio, maleta de experiências, viagem à Euro-Disney, ida ao Circo, televisão misteriosas, exposição de animais, parque de campismo, seringa abandonada e visita ao Castelo de Leiria constituem o cartão-de-visita das magníficas aventuras de Rafa e amigos.

Agora, a mais recente aventura, é uma visita de estudo às grutas, tornando-se «Rafa nas Grutas» no décimo volume da colecção «As Aventuras de Rafa» da autoria de RUI MATOS.

RUI MATOS
Natural da Figueira da Foz. Licenciado e Mestre em Educação Física, Doutor em Motricidade Humana, Professor na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS). É subdirector, desde Maio 2009, e Professor-adjun-



«Rafa nas Grutas»
RUI MATOS
FOLHETO EDIÇÕES
80 pp.

to de nomeação definitiva da (ESECS).

É Conferencista em Portugal e no estrangeiro e criou a modalidade desportiva Tripela em 2008.

Foi treinador de andebol, nomeadamente como técnico de Selecções Nacionais Jovens femininas.

É autor e co-autor de diversos livros técnicos, em edições nacionais e internacionais. Rui Matos, para além de todas estas actividades, é também escritor de literatura infanto-juvenil e adulta.

CIDÁLIA COUTO «Luana e o Gato Farunfa»

O livro infantil «Luana e o Gato Farunfa» da autoria de CIDÁLIA COUTO, com ilustrações de Ana Fernandes, apresenta um belo conto cheio de exemplos de vida para as crianças, onde os personagens principais são um gato (Farunfa) e uma menina (Luana).

Este livro conta a vida de um casal de gatos que mais tarde tiveram sete gatinhos e, faz parte da colecção «O Gosto da Lua».



«Luana e o Gato Farunfa»
CIDÁLIA COUTO
FOLHETO EDIÇÕES
32 pp.

JOSÉ VAZ «Jacklavais ataca à sexta-feira»

«Jacklavais ataca à sexta-feira» é uma história aliciante, plena de movimentação, com fortes doses de aventura e mistério, muito ao jeito do policial, servida por uma locução desinibida, ágil, eficiente e concisa...

Livro recomendado pelo Plano Nacional de Leitura» da autoria de JOSÉ VAZ.



«Jacklavais ataca à sexta-feira»
JOSÉ VAZ
GAILIVRO
56 pp.

JOSEFINA PEREIRA «Gabriel, Artur e Raquel»

«Gabriel, Artur e Raquel» de MARIA JOSEFINA PEREIRA é um conto infantil com ilustrações de América Virgílio e editado pela Associação Serviço e Socorro Voluntário de São Jorge (Porto de Mós).

Ao escrever esta história, a autora baseou-se em três princípios transformadores do mundo: sonhar e lutar pela igualdade de direitos; cultivar o amor e a amizade entre rapças e culturas e crescer com o suporte dos mais velhos, tendo como base a humildade, o respeito e a partilha.



«Gabriel, Artur e Raquel»
JOSEFINA PEREIRA
ASSOCIAÇÃO SERVIÇO E SOCORRO VOLUNTÁRIO DE S. JORGE, 20 pp.

**NORBERTO
DA CUNHA
PACHECO**

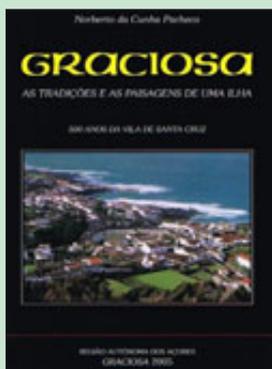
«Graciosa as tradições e as paisagens de uma ilha»

«A Graciosa é uma ilha, em forma oval, situada no oceano Atlântico, com a área de 61,66 km².

Um dia, que se perde na imensidade dos tempos, foi expelida do fundo do mar, pela fúria do vulcão. Passaram muitos anos, milhares, talvez, então, ela foi descoberta no séc. XIV, como aconteceu às suas irmãs, que fazem parte deste conjunto de nove ilhas que se chama - Açores.

Graciosa lhe chamaram os seus descobridores, pelo verde dos seus campos e pelo deslumbramento das suas paisagens.

Esta ilha recebeu gado, por volta do ano 1432, mandado lançar por ordem do Infante D. Henrique. O seu povoamento é feito cerca do ano de 1451. O primeiro povoador foi Vasco Gil Sodré, natural de Montemor-o-Velho, que, tendo chegado à Terceira, passou a esta ilha, com a sua família e os seus criados.»



«Graciosa
as tradições...»

N. CUNHA PACHECO
152 PP.

COLECTIVO DE FOTÓGRAFOS

«Fragâncias de Luz»

«Fragâncias de Luz» é um livro de fotografia com o colectivo dos seguintes fotógrafos oriundos de Brasil, Cabo Verde, Israel e Portugal: Alephstos; Álvaro Cordeiro; Ana Mendes do Carmo; André Luiz Pires; António Arruda; António Medeiros; Fabio Kahn; Fernando da Mota; Gonçalo Rocha Santos; Hélder Paz Monteiro;



«Fragâncias de Luz»
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA

Humberto Machado; João-zero; Jorge Costa Reis; Luis Cristiano Oliveira; Luis Reina; Maria Salvador; Natália Vale; Rui Falhas e Yaci Andrade.

Os direitos de autor desta obra, da «Coleção Arte» da Edições Vieira da Silva, são doados à Acreditar – Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro.

JOAQUIM SANTOS «Imagens de Letras»



«Imagens de Letras»
JOAQUIM SANTOS
INFORLETRA
82 PP.

«Este livro reflecte a alegria de viver mas também as questões que colocam em dificuldade essa circunstância maior do Ser Humano». É desta forma que JOAQUIM SANTOS justifica a edição de «Imagens de Letras» com prefácio de António Eça de Queiroz e ilustração do mestre Mário Silva.

Esta obra apresenta sentimentos e vivências do autor mas também uma descrença sobre a forma como estão a ser «conduzidos os destinos do País».

JOSÉ GUEDES DA SILVA «Basalto azul»

«Basalto azul» faz parte de uma trilogia sobre a ilha de Santa Maria (Açores) da autoria do fotógrafo JOSÉ GUEDES DA SILVA.

O livro de fotografia sobre São Lourenço (ilha de Santa Maria) está dividido em duas partes com capas distintas ao inverso, uma a cores e outra a preto e branco, com edição da Câmara Municipal de Vila do Porto.

JOSÉ GUEDES DA SILVA

«Nasceu no Porto em 1955 e viveu nos Açores entre 1959 e 1970, onde regressou em 1982. Iniciou a sua carreira em Lisboa em 1975 como fotógrafo de teatro e fotoperformista e trabalhou com o banda-desenhista José Garcês no programa de Vasco Granja *Cinema de Animação*, da Rádio Televisão Portuguesa.

Publicou trabalhos em jornais, catálogos, revistas e livros nacionais e estrangeiros. Expôs nos Açores, Lisboa, Canadá, Estados Unidos e Canárias, tendo participado em mostras individuais e colectivas, de que se destacam as individuais *A Luz e o Silêncio-Impressões Sobre Prata, Festas do Senhor Espírito Santo-Promessas ao Divino e A Ligação da Fé*, bem como a



«Basalto azul»
JOSÉ GUEDES DA SILVA
CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA DO PORTO
72 PP.

colectiva *Miradas Atlânticas* no decurso da bienal internacional Fotonoviembre-2005, em Santa Cruz de Tenerife.

Tem trabalhos em colecções oficiais e particulares, em Portugal e no estrangeiro.

Publicou os livros: *Pedras da Maia; Açores, Pelo Sinal do Espírito Santo; O Sul de Nossa Senhora da Boa Morte; Basalto Azul; Cores da Terra, O Barreiro da Faneca e os Caminhos de Santa Bárbara*.

Tem leccionado fotografia em cursos técnico-profissionais e em acções de formação. Frequentou o Institut Royal du Patrimoine Artistique, em Bruxelas. Licenciado em Património Cultural (Univ. Açores).

Vive em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, Açores.

ARMÊNIO VASCONCELOS

«Contos de réis, reais, d'amores»

Com prefácio de Prates Miguel e Posfácio de Fernando Paulo Baptista, «Contos de réis, reais, d'amores» de ARMÊNIO VASCONCELOS é um conjunto de contos reais que a experiência de vida do autor lhe permitiu reunir nas folhas deste livro. Temas onde a aldeia, a vida rural e a emigração para o Brasil no século XX estão bem patentes, como refere o autor do prefácio: «Conheci o ARMÊNIO nos remotos anos oitenta, na barra dos tribunais. Já nessa altura ambos percebíamos que nós, advogados, suportamos as inquietações e os sofrimentos dos outros mas não somos intérpretes dos seus ódios.

Posteriormente os nossos contactos de cariz profissional evoluíram para relação de amizade transparente em que este

meu colega me deu a oportunidade de conhecer-lhe os contornos e a medula de uma alma contaminada pelos valores transcendentais das artes e das letras.

Por conseguinte e sem sombra de dúvida, estamos perante um garimpeiro de preciosidades como são a cultura, a beleza, a estética e a fragância...

Por outro lado, o ARMÊNIO é também um humanista e como tal não alheio, mas de veras presente no epicentro onde repousam e donde se evadem as virtudes caleidoscópicas desde um rasto que o tempo não apaga, até um grito, grávido e aflito, solto da terra para o infinito.

E sem mais considerandos, passo de imediato à leitura do prefácio, em que, por forma



«Contos de réis, reais, d'amores»
ARMÊNIO VASCONCELOS
LIGA DE AMIGOS
MUSEU MARIA DA FONTINHA
232 pp.

sucinta e modesta, tentei chamar à colação o indomável caudal de sentimentos e sentidos que fluem nas páginas do livro.» *Prates Miguel*

JÚLIA GUARDA RIBEIRO

«Contos temperados com: uma pitada de ironia, uma gota de inocência, um cheirinho de veneno»

«Contos temperados com: uma pitada de ironia, uma gota de inocência, um cheirinho de veneno» de JÚLIA GUARDA RIBEIRO e ilustração do mestre Guilherme Correia é um livro com dezenas de contos breves. «Alguns são meros episódios do nosso cinzento dia-a-dia e outros quase fotos instantâneas. Mas todos eles, pelo insólito ou pelo absurdo e inesperado, poderão provocar uma boa gargalhada.

Mas porquê rir no meio da crise? Rir faz bem à saúde.

Estudos científicos levados a cabo pela International Society for Humor Studies e pela AATH (American Association

for Therapeutic Humor) têm vindo a provar que quando rimos são libertadas no nosso organismo substâncias do grupo das endorfinas que causam a sensação de conforto e bem-estar. Não sei se é verdade. Mas é visível e verificável que o riso mobiliza vários músculos da face, diafragma, abdómen, costas e até dos membros. Parece que rir durante vinte segundos equivale a três minutos de marcha rápida.

Também o coração beneficia do riso: a pressão arterial baixa, os vasos sanguíneos dilatam, o fluxo aumenta bem como a oxigenação do sangue. Os pulmões são mais oxige-



«Contos temperados...»
JÚLIA GUARDA RIBEIRO
FOLHETO EDIÇÕES
164 pp.

JULIETA FERNANDES

«Contos pequeninos»

A autora, JULIETA FERNANDES, passou algum tempo na praia com três netas e duas primas de uma delas. Inventou contos para as entreter e sentiu que, afinal, não tinha tanta falta de imaginação como julgava.

Mais tarde, resolveu escrevê-los e oferecê-los aos seus seis netos como prenda de Natal.

Agora, aí estão para os netos que os queiram ler...



«Contos pequeninos»
JULIETA FERNANDES
FOLHETO EDIÇÕES
64 pp.

nados e o dióxido de carbono mais rapidamente eliminado. O sono melhora.

Tudo isto junto parece contribuir para o aumento das células NK (natural killers), cuja função é destruir as células cancerígenas. Ah, já me esquecia: para quem quer manter a linha dos seus vinte anos, uma sonora gargalhada equivale a um bom exercício de abdominais, pois queima calorias eficazmente.

Se alguma(s) das estória(s) aqui relatada(s) fizer(em) o leitor soltar uma boa gargalhada, então o seu tempo e o seu dinheiro não terão sido desperdiçados». *J. Guarda Ribeiro*

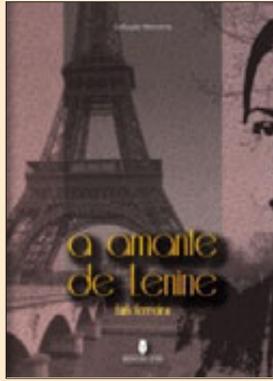
LUÍS FERREIRA

«A Amante de Lenine»

«Inês, abandonada pelo pai e com uma mãe sem possibilidades de a criar, vai viver para Moscovo com uma tia que a recebe e a ampara. Cedo entra na alta-rodada da sociedade moscovita e também cedo enfrenta os dissabores da vida. Talvez por isso mesmo, passa a identificar-se com as ideias de uma esquerda radical e a vivenciar algumas experiências políticas que a levam à reclusão e à fuga para a sua cidade natal – Paris.

Aí encontra Lenine, por quem já nutria uma simpatia enorme e com quem se identifica facilmente. Dele conhecia então o suficiente como líder de um partido em que ela militava e pelo qual estava disposta a lutar. A partir daí ambos enfrentam uma vida de sobressaltos, encontros e desencontros, no meio de uma Europa envolvida numa guerra sem sentido.

Acabam por rumar novamente a uma Rússia em transformação e onde, sob a liderança de Lenine, as convulsões



«A Amante de Lenine»
LUÍS FERREIRA
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA
312 pp.

políticas determinam, para ambos, o rumo dos acontecimentos.»

LUÍS FERREIRA, professor de História na Escola D. Afonso III em Vinhais. Radicou-se em Bragança há 36 anos após o casamento.

Autor de diversos livros desde 2003 tem grande expectativa quanto ao seu futuro enquanto escritor nas áreas de História e de Romance Histórico.

JOÃO RICHAU

«A Fundação»

«Nos confins do Alentejo, Pedro Schaubert, professor universitário em Lisboa, pretende construir uma piscina. Fá-lo sozinho à moda antiga, escavando um enorme buraco nos fins de semana e nos períodos de férias. Cansado de tanto escavar, está tentado a ficar por ali. Aquilo que a piscina não terá em profundidade terá em altura acima do solo. Mas num último esforço para alisar o fundo dá com a picareta numa enorme e pesada pedra. Que lhe abre um alçapão para o passado quinhentista e para um futuro de

filantropia em prol da sua região.

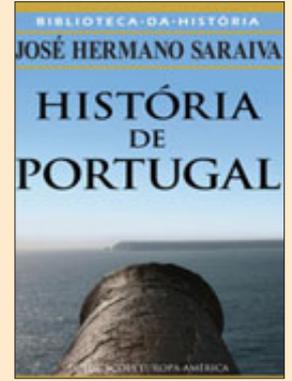
A ação decorre em dois períodos da história de Portugal. Na mudança do século XIV para o século XV em Portugal, a bordo das naus, e no Brasil, na atualidade e no futuro próximo. Relata como os esforços inglórios de alguns no passado, por ironias do destino, podem trazer a esperança no desespero em que presentemente se vive. Schaubert dá finalmente asas aos seus projetos e, no mesmo golpe de sorte, descobre o seu misterioso passado remoto.»

JOSÉ HERMANO SARAIVA

«História de Portugal»

«A presente obra é uma abordagem aprofundada e objectiva da História de Portugal. Com uma linguagem clara e acessível, José Hermano Saraiva apresenta neste trabalho um testemunho apaixonante da nossa memória colectiva.

Abrangendo um longuíssimo período de tempo, desde os remotos horizontes da Pré-História, passando pelo período das Descobertas, até às mais importantes questões da actualidade, este livro passa em revista os acontecimentos que mais influenciaram Portugal. É uma viagem de milhares de anos em que o autor sugere itinerários e conduz o leitor numa visita guiada pelos episódios mais marcantes da nossa História. Um relato vivo e sugestivo, que nos transporta para outras eras e



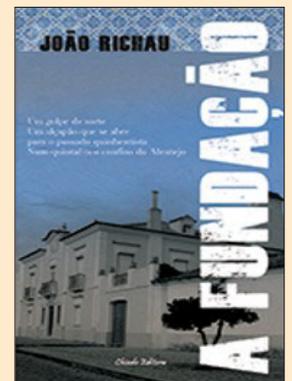
«História de Portugal»
JOSÉ HERMANO SARAIVA
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
576 pp.

nos faz conviver com personalidades fascinantes, como D. João II ou o Marquês de Pombal. Indispensável para todos aqueles que se interessam pelo passado para melhor compreenderem o presente.»

JOÃO RICHAU nasceu em Cano, Concelho de Sousel, Alto Alentejo, em 1961.

Rumou a Lisboa em 1981 para estudar Biologia na Faculdade de Ciências. Durante 10 anos, entre os 13 e os 23 anos, trabalhou sempre nas férias de Verão e, em certos anos, também nas férias de Natal e da Páscoa. Durante esses penosos anos, acompanhava voluntariamente o seu pai nos trabalhos de construção civil, à moda antiga, com rigor e muito trabalho manual. Percorreu também o circuito, normal para os estudantes da época, da apanha da azeitona, da colheita do tomate e do grão de bico, este último levado a cabo de madrugada.

Foi bolseiro e investigador de mestrado e de doutoramento no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, entre 1992 e 2002, tendo publicado nesse período alguns artigos em re-



«A Fundação»
JOÃO RICHAU
CHIADO EDITORA
502 pp.

vistas internacionais da especialidade. Desde 1991 que é professor do ensino superior privado, onde chegou a leccionar para mais de 500 alunos num só ano.

João Richau foi autarca no Alentejo. Foi sócio-gerente de uma empresa na área da informática e formador na área da saúde, higiene e segurança no trabalho.

RICARDO CHARTERS D'AZEVEDO

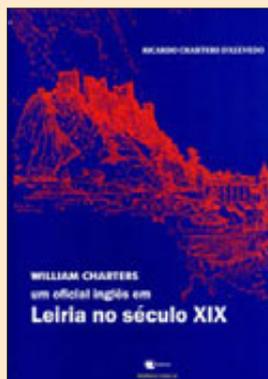
«William Charters, um oficial inglês em Leiria no século XIX»

«**WILLIAM CHARTERS, UM OFICIAL INGLÊS EM LEIRIA NO SÉCULO XIX**, de Ricardo Charters d'Azevedo, é uma inclusão monumental na vida e nos hábitos de uma pequena cidade da província na centúria de oitocentos que deixa entrever toda a dinâmica da região e da sua capacidade para sobrepujar de forma resiliente as contrariedades sobrevindas em períodos sucessivos.»

«Trata-se de um mergulho no passado de Leiria que interessará aos amantes e curiosos da história local, uma vez que consegue dar conta de quem vivia em cada uma das casas no que hoje chamamos Centro Histórico da cidade. Interessará igualmente aos curiosos e investigadores das invasões francesas, pois não só apresenta os movimentos das tropas nesta cidade, como documenta os apoios que o Parlamento inglês forneceu à recuperação económica do distrito, transcrevendo pela primeira vez o relatório da sua aplicação. Passa também pela

história da *zanga real* e de outros movimentos de tropas às ordens dos dois irmãos desavindos, D. Miguel e D. Pedro, que várias vezes tiveram Leiria como palco.

Num outro registo, este livro apresenta-nos Leiria durante todo o século XIX, mostrando *quem era quem* e como se viveriam os leirienses ou simplesmente como viviam. Assunto fulcral é o que se desenvolve à volta do oficial inglês William Charters, que se fixou em Leiria no início do século XIX e de quem se apresentam os seus antepassados no Reino Unido, de par com a



«William Charters, um oficial inglês em Leiria no século XIX»
RICARDO CHARTERS
D'AZEVEDO
TEXTIVERSO

explicação da origem do seu apelido. O livro termina com um capítulo sobre a casa de uma das suas filhas e uma análise de como vivia uma família abastada no burgo leiriense em finais do século XIX.

Em anexo (pois já não se trata de um evento do século XIX) relata-se ainda a vinda do rei D. Manuel II a Leiria, em 1909, apresentando um registo fotográfico dessa sua estadia.»

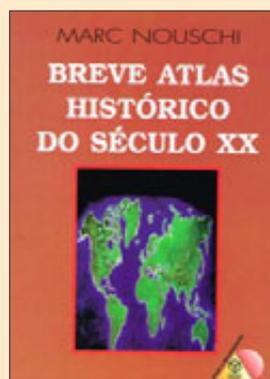
MARC NOUSCHI

«Breve Atlas Histórico do Século XX»

«Este breve atlas foi concebido através de algumas fichas estruturadas, cada uma delas, sobre uma problemática, ponto de partida da representação cartográfica. A legendagem de cada um desses mapas surge elaborada como um plano de dissertação. Em cada ficha é dado ao leitor encontrar diversos elementos relacionados com os temas evocados: biografia dos actores principais, léxico das noções-chave, debate entre especialistas, cronologia temática, bibliografia selectiva destinada à abertura de novos

horizontes e aprofundamento da matéria. Concebido como um instrumento de reflexão e trabalho, o mapa histórico, no centro da dialéctica do tempo e do espaço, permite ver, ler e compreender os eventos que caracterizam o último século deste segundo milénio. Este Breve Atlas Histórico do Século XX surge para complementar de forma sintética a obra *Século XX*, do mesmo autor, publicada pelo Instituto Piaget na sua colecção *História e Biografias*.»

MARC NOUSCHI é professor de História em Paris.



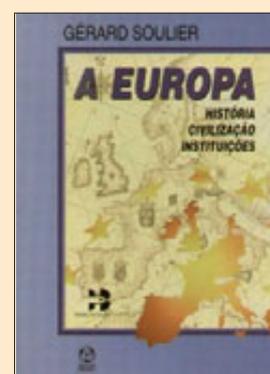
«Breve Atlas Histórico do Século XX»
MARC NOUSCHI
INSTITUTO PIAGET
298 pp.

G. SOULIER

«A Europa – História...»

«A unidade da Europa não passa de uma ideia, não uma realidade. A Europa nunca esteve unida, em nenhuma época do passado. A realidade da Europa é, pelo contrário, divisões múltiplas que se acumularam, sobrepuseram, entrecruzaram no decurso da história. Separações políticas, religiosas, linguísticas, económicas, culturais, que deixaram vestígios - particularmente entre o Leste e o Oeste -, continuando a influenciar a vida do continente. Assim, por um lado, a Europa considerada na sua complexidade espacial e temporal, desde a Antiguidade; e, por outro, a construção europeia, tal como foi iniciada há alguns decénios. A história é o eixo central do livro, representando, simultaneamente, um princípio de explicação privilegiado no estudo de cada questão particular.

Contudo, são necessárias outras abordagens. Desta forma, a experiência importante e nova da Comunidade Europeia...»



«A Europa – História, Civilização, Instituições»
GÉRARD SOULIER
INSTITUTO PIAGET
464 pp.

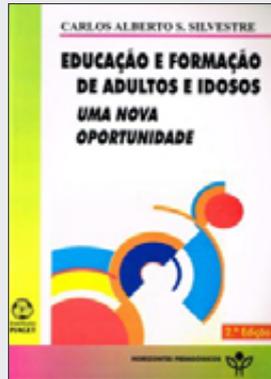
CARLOS ALBERTO S. SILVESTRE

«Educação e Formação de Adultos e Idosos» – 2.^a Edição

«Este texto, agora revisto, atualizado (inclusive no seu título) e aumentado nesta 2.^a edição, inclui um ponto que analisa os últimos 10 anos (2000-2010) da Educação e Formação de Adultos e Idosos (EFAI), sobretudo em Portugal e pretende averiguar o contributo que esta pode dar para dinamizar e mudar o sistema educativo/formativo (que o autor prefere chamar de sistema educador/formador, por acreditar que, este conceito, é e mostram um caráter mais integrador e abrangente e menos formatador), incluindo (n) a sua dimensão escolar (mais formal).

A alteração do título para EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS E IDOSOS - UMA NOVA OPORTUNIDADE teve em conta a necessidade de acompanhar a atualidade da EFAI em Portugal, nomeadamente na análise feita à Inicia-tiva Novas Oportunidades.

Assim, recorrendo a uma



«Educação e Formação de Adultos e Idosos»
CARLOS ALBERTO S. SILVESTRE
INSTITUTO PIAGET
432 pp.

metodologia de interpretação textual, são destrinçados os conceitos de Educação e Formação, considerados intrinsecamente implicados.

A focalização nesses dois conceitos (ou binómio) é especialmente estudada na possibilidade de uma Educação/Formação Permanente e ao Longo da Vida e Comunitária

corresponder a um incremento da autonomia pessoal (empowerment pessoal) e da participação da construção dos mundos sociais (empowerment comunitário).

Por outro lado, na análise de conteúdo de base documental e legislativa, avalia-se a continuidade existente entre a Escola Básica Integrada (EBI) e o atual Agrupamento de Escolas (AE) (hoje denominados Mega Agrupamentos de Escolas), pretendendo-se perceber se estas conceptualizações organizadoras são fruto da evolução ideológica ocorrida no âmbito da EFAI.

Finalmente, assente em ideais educadores/formadores o autor defende a criação de Núcleos de Educação/Formação Global (NEFG) ou Núcleos de Educação/Formação Integrada (NEFI), como verdadeiros postos de troca, partilha (des)envolvimento e de (des)construção de todos os tipos de saber e por todo o tipo

de pessoas (quer ao nível etário, quer ao nível profissional, escolar, lazer [...]) num mesmo espaço físico e ilimitado e num tempo intemporal e que implica aprender a aprender e aprender a desaprender. Este processo de Educação / Formação / Aprendizagem deve combinar a pedagogia e a prática pedagógica da EFAI (com Paulo Freire e Rui Grácio muito presentes), com aquilo que o autor chama de Pedagogia à Volta da Mesa e dos Porquês Refletidos, Isto porque, todas as pessoas estão ao mesmo nível e os adultos/idosos devem, tal como as crianças, continuamente, questionar-se.

As atividades, os métodos / metodologias, as estratégias devem ser próprias para estes públicos e os educadores / formadores e todos os profissionais que trabalham com eles devem possuir um perfil que o autor denomina de Educador / Formador IRIS.»

ADAPTAÇÃO POR ANA SOUSA MARTINS

«A Cidade e as Serras – Versão Adaptada»

Eça de Queirós

«Esta adaptação de A Cidade e as Serras, destinada a aprendentes de PLE, constitui-se como material de ensino da língua portuguesa e, simultaneamente, tem como objetivo preparar o aprendente para a leitura do texto original.

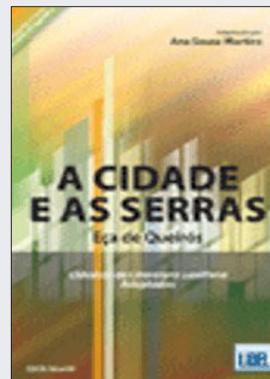
Esta versão contempla a redução doseada de vocabulário e de estruturas sintáticas complexas, mas mantém-se fiel à intenção comunicativa da obra original.

Cada capítulo tem um resumo no início. Deste modo, procura-se que o leitor inicie a leitura do capítulo fazendo predições corretas sobre o

andamento da narrativa.

Nesta edição de A Cidade e as Serras, as palavras desconhecidas são sublinhadas e glosadas nas margens das páginas, com esclarecimentos sobre o significado de palavras ou expressões, com imagens ou com pequenas notas de enquadramento histórico-cultural para uma melhor compreensão do conteúdo por parte do leitor.

No final do livro, há exercícios, com as respetivas soluções, para testar a compreensão global do texto e consolidar a aquisição de novo vocabulário.»



«A Cidade e as Serras – Versão Adaptada»
ANA SOUSA MARTINS
LIDEL,
76 pp.

Resumo da Narrativa:

«O século XIX é o século do início do progresso tecnológico e Paris é a cidade na linha da frente da ciência, cultura e arte.

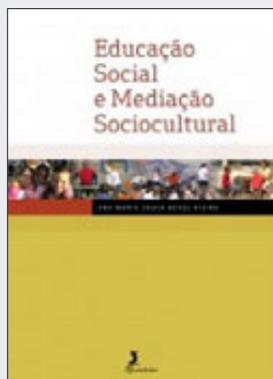
Paris é, afinal, em 1880, o exemplo máximo da Cidade do Futuro.

E, no entanto, não é a Cidade que faz o Homem feliz. Não fez feliz Jacinto, o jovem rico e bem-parecido, que só encontra a verdadeira sabedoria e equilíbrio numa quinta escondida no Douro.»

ANA MARIA SOUSA NEVES VIEIRA

«Educação Social e Mediação Sociocultural»

«Expondo uma reflexão pertinente e inovadora sobre a escola portuguesa, resultante de um rigoroso processo de investigação-ação, a obra que agora se apresenta, assinada por Ana Vieira e intitulada *Educação Social e Mediação Sociocultural*, anuncia-se, desde já, como um precioso contributo para o conhecimento socioeducacional contemporâneo. A cooperação entre escola, família e comunidade, bem como a abertura da organização escolar a outros profissionais, implica um trabalho exigente de conjugação teórica e prática entre as várias dimensões da aprendizagem e da pedagogia, escolares e sociais. Ora, foi justamente este o desafio abraçado pela nossa autora que, servindo-se de um registo de escrita manifestamente enraizado na vivência profissional, nos confronta com uma análise consistente sobre os desafios de mediação sociocultural e de trabalho social que interpelam hoje os territórios educativos. Para além da pertinência dos temas abordados, salienta-se o facto de existirem poucos trabalhos disponíveis no que se refere a esta área específica de investigação, o que torna ainda mais relevante a presente obra, sobretudo no nosso País, onde a Pedagogia Social começa a ganhar verdadeira expressão académica e profissional, enquanto saber disciplinar autónomo e de enorme atualidade no seio das ciências da educação. Tal como referem os ilustres prefaciadores, dois dos mais prestigiados colaboradores da Página da Educação, a publicação de referência da Profedições, estamos, na verdade, perante um trabalho muito oportuno, lúcido e socialmente implicado. Um tra-



«Educação Social e Mediação Sociocultural»

ANA MARIA SOUSA NEVES VIEIRA

PROFEDIÇÕES / JORNAL A PÁGINA
448 pp.

balho que, além do mais, dá testemunho de uma sensibilidade humana singular, própria de quem vive a aventura do conhecimento com sentido de liberdade e de compromisso.»

Isabel Baptista

Professora Associada da Universidade Católica Portuguesa

ANA VIEIRA

Concluiu o Doutoramento em Ciências da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2011. É Professor Adjunto no Instituto Politécnico de Leiria. Publicou 5 artigos em revistas especializadas e 12 trabalhos em actas de eventos. Possui 20 itens de produção técnica. Participou em 5 eventos no estrangeiro e 20 em Portugal. Orientou 12 trabalhos de conclusão de curso de bach./licenciatura e 8 monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização nas áreas de Outras Ciências Sociais e Ciências da Educação. Actua nas áreas de Ciências Sociais com ênfase em Ciências da Educação e Ciências Sociais com ênfase em Sociologia.

RICARDO VIEIRA

«Educação e Diversidade Cultural»

«Educação e Diversidade Cultural, Notas de Antropologia da Educação», da autoria de RICARDO VIEIRA, «é um manual de apoio a Unidades Curriculares (UC) ligadas à educação e diversidade cultural, para antropólogos da educação e outros cientistas sociais e da educação. Visa, principalmente, estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento, sendo que pode ser usado com a lógica diacrónica da escrita aqui apresentada ou, também, lido ou explorado, autonomamente, aula por aula, que é como quem diz capítulo por capítulo, cada um deles com textos de base, objectivos, palavras-chave, desenvolvimento, referências bibliográficas e bibliografia complementar. Alguns assumem a forma de um texto «quase acabado»; outros, pelo contrário, estão em formato de esquema de orientação para a pesquisa e para a dinamização curricular por parte do docente.»



«Educação e Diversidade...»

RICARDO VIEIRA
CIID, INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA / EDIÇÕES AFRONTAMENTO, 232 pp.

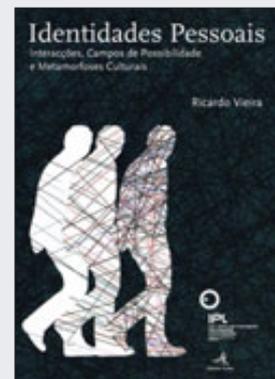
RICARDO VIEIRA

Nasceu em Albergaria dos Doze (Pombal), em 1961. É Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL, Doutor em Antropologia Social, Pós-Doutor em Serviço Social e Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio para melhor trabalho de investigação em Educação realizada em Portugal, SPCE.

RICARDO VIEIRA

«Identities Pessoais»

«Identities Pessoais: Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais», de RICARDO VIEIRA, «recobre a questão de reconstrução das identidades individuais no trabalho entre as condições sociais objectivas e o que cada pessoa, subjectivamente, faz com elas, em termos de autoconstrução. A complexidade da questão remete para a ideia de caleidoscópio cultural em que semelhantes condições sociais vividas por diferentes sujeitos podem produzir identidades diferenciadas. O título pretende também recobrir a ideia de que, na história da vida pessoal, o sujeito vive entre várias esferas e contextos sócio-culturais...»



«Identities Pessoais»

RICARDO VIEIRA
EDIÇÕES COLIBRI
86 pp.

ESPÍNOLA BETTENCOURT «O Mundo nunca descansa»

«O Mundo nunca descansa» é um livro de cantigas de improviso do poeta popular MANUEL ESPÍNOLA BETTENCOURT, natural da freguesia de Guadalupe, da ilha Graciosa, Açores.



«O Mundo nunca descansa»
MANUEL ESPÍNOLA
BETTENCOURT
CÂMARA MUNICIPAL DE
SANTA CRUZ DA GRACIOSA
98 PP.

CIDÁLIA RODRIGUES «Estes Dias»

«Estes Dias» é o primeiro livro de poesia de CIDÁLIA RODRIGUES, com ilustração de Jorge Rolo.



«Estes Dias»
CIDÁLIA RODRIGUES
FOLHETO EDIÇÕES, 48 PP.

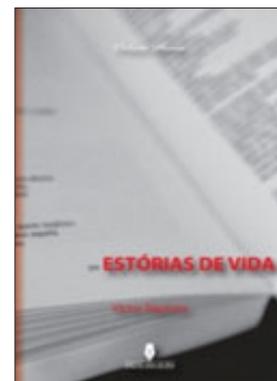
VICTOR BAPTISTA «Estórias de Vida»

O livro de poesia «Estórias de Vida» são algumas das lições que a vida deu ao autor, como o próprio refere: «são poemas sobre as emoções sentidas, desde a escola que me foi ensinada, até àquela que me surgiu pela frente e me transformou; são quase tudo o que vos tenho a dizer sobre emoções; umas sentidas à flor da pele, espontaneamente, outras experimentadas a espaços, depois de esfriarem e no meio do silêncio; mas em qualquer dos casos são estórias de vida.»

VICTOR M. BAPTISTA
Nasceu há trinta e oito anos, durante a euforia de um jogo de futebol de cinco, ocorrido num polidesportivo descoberto de um colégio privado em Lisboa.

Perdeu os pais ainda com tenra idade, e em todas as encruzilhadas da vida, forjou os versos que escreve todos os dias ao cair da tarde.

Hoje, depois de cruzar vários abismos, e de cair e erguer-se dia a dia, não tem família, nem casa, nem pátria segura.



«Estórias de Vida»
VICTOR BAPTISTA
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA,
76 pp.

Vem de quando em vez, visitar os amigos e trazer-lhes algumas estórias de vida.

MARTA OLIVEIRA E MANUEL TOMÁS «Entre sei lá e o quê»

«Entre sei lá e o quê» é um livro de poesia que surgiu como resultado do «uso do correio electrónico, entre dois professores – uma mulher e um homem – de idades e de formação académica muito diferentes, mas preocupados com a realidade envolvente, o momento convival e a expressão de sentimentos e de emoções sobre os quotidianos interiores e exteriores.

Desse diálogo, nasceu uma leitura poética dos retalhos da vida vivida por todos nós.»

MARTA OLIVEIRA
«Nasceu na cidade de Braga. Após destruição de vários objetos para perceber o seu funcionamento, percebeu que a ciência fazia parte de si. Mas só a conseguiu exprimir em plenitude através da Poesia.

Lado a lado entre ciência e poesia, acabou o seu curso de Professora de Física e Química na bela Universidade de Aveiro. Escreveu vários artigos para revistas científicas e poemas para a revista Ponto Cardeal.»

MANUEL TOMÁS
«Nasceu em Madalena, ilha do Pico. É professor há 40 anos, dos quais 28 na presidência de 3 escolas, duas do Pico e uma do Faial. Escreve regularmente em jornais e revistas regionais, foi fundador e director (18 anos) do semanário «Ilha Maior», para além de outras actividades culturais, desportivas e agrícolas amadoras, tendo sido deputado regional.»



«Entre sei lá e o quê»
MARTA OLIVEIRA
MANUEL TOMÁS
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA
96 pp.

MOTA ASCENSO «Cardos e Rosas»

«Cardos e Rosas» é o segundo livro de poesia de uma trilogia do poeta JOSÉ MANUEL MOTA ASCENSO, que surge na sequência do seu primeiro livro «FACES DO TEMPO» e segundo o autor nesta obra poética «os cardos e as rosas carregam a emoção que a poesia concentra nas palavras».

O autor é da Figueira da Foz e reside em Leiria.



«Cardos e Rosas»
JOSÉ MANUEL
MOTA ASCENSO
FOLHETO EDIÇÕES
326 PP.

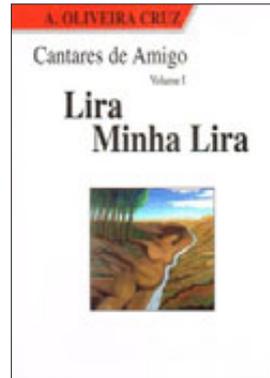
ANTÓNIO DE OLIVEIRA CRUZ

«Cantares de Amigo – Lira Minha Lira»

«Lira Minha Lira» é o primeiro volume da colectânea «Cantares de Amigo» de António Oliveira Cruz:

«...nasceu em Bigas, concelho de Viseu, em 1945. Formou-se em Filosofia pelo colégio Maior Redentorista, em Valladolid e obteve a licenciatura em Filosofia na Universidade de Lisboa. Membro Fundador de múltiplas instituições e centros de carácter social e educativo, nomeadamente do Instituto Piaget a que presidiu onde co-dirige o Centro Internacional de Investigação, Epistemologia e Reflexão Transdisciplinar (CIIERT), assim como o Departamento de Altos Estudos e Formação avançada (DAEFA). Preside igualmente a Associação Piaget Interna-

cional (AsPI). Diretor da Revista Internacional Aprendizagem e Desenvolvimento. Publicou vários artigos Científicos/Pedagógicos e editoriais, os livros a Teoria de Piaget e os Mecanismos de Produção da Ideologia Pedagógica e Lógica da Vida e da Educação (este como co-autor). Diretor da Divisão Editorial do Instituto Piaget. Em 1988, relembrando Bartolomeu Dias e Fernando Pessoa, bem como o início das comemorações das descobertas, começou a editar a obra poética que tem vindo a fazer desde os 13 anos. Desde 1989, e no quadro do Centro Regional de Investigação, epistemologia e Reflexão Transdisciplinar, dirige a organização do Cancioneiro Infante Juvenil para a

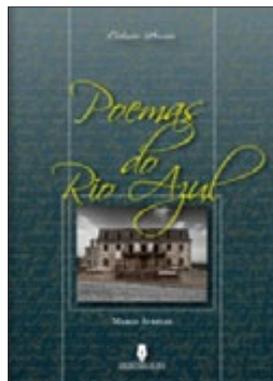


«Cantares de Amigo – Lira Minha Lira»
A. OLIVEIRA CRUZ
INSTITUTO PIAGET, 164 pp.

Língua Portuguesa, projecto de enorme alcance social e cultural, que possibilitará uma outra compreensão da criança e sua evolução criadora.»

«Poemas do Rio Azul»

«O nome artístico Marco Aurélio é uma referência cultural e uma homenagem ao conhecido imperador-filósofo (121-180). Com este pseudónimo, participa no 1.º Concurso Literário dos Fazedores de Letras da FLUL, Poesia, com «A Decadência da Estrela Cadente», no ano 2000. No entanto, a sua produção artística remonta a 1992, «Do Tempo em que o Poeta Foi Anjo». Após décadas de amadurecimento da sua escrita em verso, Marco Aurélio assume a firme convicção de que alguns poemas merecem a publicação em livro em 2010, escolhendo para uma antologia (Poesis, XIX, da Minerva) cinco poemas que foram do agrado dos leitores: *Arte, Pó, Pigma-leão, Maurítania e Encontro*. Posteriormente, em 2011, o poema *Encontro* é escolhido para outra antologia (In Versos, da Ecopy), tomando lugar de honra na sua abertura.



«Poemas do Rio Azul»
MARCO AURÉLIO
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA

Poemas do Rio Azul constituem uma recolha de poemas inéditos inspirados em diver-

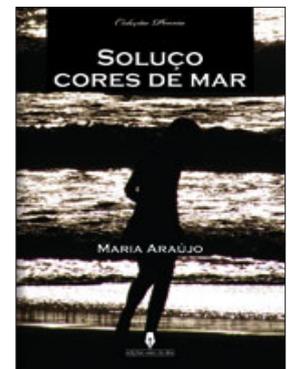
sas terras, da Galiza ao Algarve, passando por Setúbal, no contexto da participação no concurso organizado pela LASA – Liga de Amigos de Setúbal e Azeitão, terra celebrizada pelos versos de Bocage e Sesimbra, onde, no dizer de António Telmo *não se morre*. A esta seleção, juntam-se os últimos poemas do autor, intitulados *Pássaro Azul*.

O interesse pela causa do Património e pela defesa dos Direitos Humanos justifica a escolha de uma fotografia da casa que pertenceu a Aristides Sousa Mendes para a capa da presente obra.»

MARIA ARAÚJO

«Soluço Cores de Mar»

«Maria Araújo, nascida em Abril de 1957, em Leça da Palmeira, mãe de três filhos rapazes, médicos, licenciada em Economia pela Universidade Católica Portuguesa, actualmente a trabalhar na Procuradoria-Geral da República. Publicou alguns livros de poesia, edição de autor em 2001 *Da alma do mundo, do amor e do sonho*, em 2002 *Vou-te deixar fazer cantinhos de Margaridas no meu peçoço*, em 2005 *Pela luz dos olhos meus*, ambos na Editora Litteris (Brasil), em 2008 *Saudade de Ti*, novamente edição de autor, participou em colectâneas de poesia do Grupo *Escritas*, organização do poeta José Félix, e colaborou com a Cooperativa Contra-prova, em 2010, na publicação de uma colectânea de Gravuras originais baseadas no poema *Quem me dera*.»



«Soluço Cores de Mar»
MARIA ARAÚJO
EDIÇÕES VIEIRA DA SILVA

MARIA VITÓRIA GONÇALVES

«Falas do Pensamento»

«Falas do Pensamento» é um livro com 40 páginas que contém 313 pensamentos que a autora, Maria Vitória Gonçalves, natural de Luanda (Angola) foi anotando ao longo da sua vida.

Este livro faz parte da colecção «Viagem Filosófica», da Chiado Editora.

«Falas do Pensamento»
MARIA VITÓRIA
GONÇALVES
CHIADO EDITORA, 40 pp.



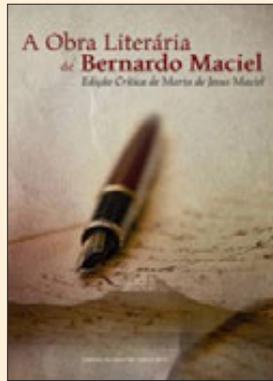
EDIÇÃO CRÍTICA DE MARIA DE JESUS MACIEL

«A Obra Literária de Bernardo Maciel», Edição Crítica de Maria de Jesus Maciel

O Instituto Açoriano de Cultura publicou «A Obra Literária de Bernardo Maciel», uma Edição Crítica de Maria de Jesus Maciel.

Esta obra «tem por base a recuperação dos manuscritos do poeta picoense Bernardo Maciel, reconstituindo os seus textos literários e preparando-os criticamente para disponibilizar agora ao público, a fim de dar a conhecer um património cultural perdido e desconhecido, desde a sua morte em 1917. Trata-se, assim, de uma edição póstuma em relação ao poeta que deixou a sua obra praticamente inédita.»

MANUEL BERNARDO MACIEL nasceu a 4 de junho de 1874, no lugar da Aguada, em São João do Pico e faleceu na mesma freguesia, em 22 de março de 1917. Desde o início, revelou-se bom aluno. Uma inteligência precoce em



«A Obra Literária de Bernardo Maciel»

Edição Crítica de
MARIA DE JESUS MACIEL
INSTITUTO AÇORIANO
DE CULTURA

tudo o que aprendia, com gosto pela leitura e pelas histórias nela contidas. A 28 de setembro de 1888 Manuel Bernardo Maciel, foi admitido, como aluno no Curso de Preparatórios do Seminário Diocesano de Angra do Heroísmo. Inicia, então com 22 anos,

uma carreira sacerdotal que iria exercer toda a vida, e numa forma singular. O dom da palavra que tão bem assentou na missão escolhida, era uma das características que mais evidenciava o ser afetivo em extremo que ele era, com necessidade contínua de expandir-se. Esteve presente na comunicabilidade viva do dia-a-dia, e foi deveras apreciada nos sermões que proferiu, quer em ambiente estritamente paroquial em toda a ilha de São Jorge, quer mais tarde, quando por contingências da Primeira Guerra Mundial viveu, entre 1914-1915, nos Estados Unidos da América.

MARIA DE JESUS MACIEL é natural de S. João do Pico, onde nasceu em 1946. Fez os seus estudos liceais na cidade da Horta e em Angra do Heroísmo (1969). É licenciada em História pela Facul-

dade de Letras de Lisboa (1976), Mestre em Estudos Portugueses – Literatura e Cultura Portuguesa (1994) e Doutorada em Cultura Portuguesa (séc. XX) pela Universidade Nova de Lisboa (2008). Professora de História no Ensino Liceal e Secundário e de Cultura Portuguesa, no Ensino Superior, atualmente dedica-se à investigação. Para além de comunicações e trabalhos apresentados em colóquios, revistas e jornais, publicou os livros: *Imagens de Mulheres – estudo das representações femininas nos provérbios açorianos e nos contos do Padre Diniz da Luz*, em 1999; *A Filarmónica "Recreio dos Pastores" – 1907-2007 – Um percurso de sons e de memórias*, em 2007; *Casa do Povo de São João – Uma Casa de Abril*, em 2009; e *A Casa do Espírito Santo*, em 2011.

MARGARIDA ACCIAIUOLI

«António Ferro – A Vertigem da Palavra: Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo»

«António Ferro era um homem singular. Escritor, jornalista, adquiriu notoriedade com o seu livro sobre a viagem em torno das ditaduras europeias nos anos 20 do século XX. Soube convencer Salazar de que o povo precisava de espectáculo, mostrou-lhe que tinha um programa e objectivos para a promoção do regime e foi nomeado director do organismo que se encarregaria das actividades de propaganda do Estado Novo. Durante quinze anos fez do país um «teatro» e foi o seu encenador: organizou exposições, criou prémios artísticos e lite-

rários, financiou filmes e documentários, criou uma companhia de bailado, um teatro do povo, um Museu de Arte Popular. O turismo teve com ele uma inusitada relevância através, entre outros, dos incentivos à qualidade de hotéis e restaurantes e do programa de Pousadas.

Nada lhe escapou, dir-se-ia. Mas, quando a Segunda Guerra Mundial terminou, percebeu-se que o país pouco mudara. É desta contradição que este livro trata, sem esquecer as convicções de António Ferro e a importância que sempre deu à palavra.»



«António Ferro – A Vertigem da Palavra: Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo»
MARGARIDA ACCIAIUOLI
BIZÂNCIO, 432 pp.

MARGARIDA ACCIAIUOLI É Professora Catedrática na Universidade Nova de Lisboa. Publicou 5 artigos em revistas especializadas, possui 14 capítulos de livros e 17 livros publicados. Participou em 11 eventos no estrangeiro e 18 em Portugal. Actua na área de Artes.

Nas suas actividades profissionais interagiu com 7 colaboradores em co-autorias de trabalhos científicos. Tem vários artigos publicados em revistas com e sem arbitragem científica.

Orientou, ainda, várias teses de Doutoramento assim como dissertações de Mestrado.

Biografia

ANDRÉ CHOURAQUI

«Moisés Profeta do Mundo Moderno?»

«**TAL É A LIÇÃO DA VIAGEM PARA A QUAL O AUTOR NOS CONDUZ**, das margens do Nilo ao limiar do quinto milênio. Os cinco pórticos da obra envolvem-nos em jeito de prelúdio a uma viagem iniciática pela noite dos ídolos, fora das servidões da escravatura.»

«Apenas a liberdade pode fazer do velho homem um construtor da aliança salvadora firmada no Sinai entre escravos libertos e o seu Elohim, o Ser inefável, matriz transcendente de todo o ser.

O autor analisa o impacto do pensamento moiseístico na história de Israel, da Igreja, do Islão.

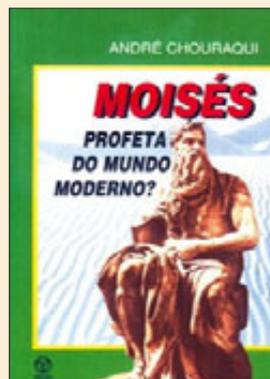
Por uma vez, a turbulenta família dos filhos de Abraão põe-se de acordo sobre um grande profeta e sobre a sua utopia maior, a de uma reconciliação universal do homem com o homem.

Chega o momento do regresso do recalcado, numa Je-

rusalém revisitada em que o novo Israel, reconciliado com a Cristandade e com o Islão, na unidade transcendente do Deus nomeado da Bíblia, se abrirá aos grandes sopros do Espírito para uma necessária mediação entre as nações e os Deuses do universo.

O povo da Aliança conta, fora de qualquer fronteira nacional, ética ou religiosa, todos os homens, obreiros da paz e da equidade: a terra inteira é a sua terra prometida.

Mais do que uma biografia, trata-se de um manifesto necessário à compreensão do passado e às eclosões do século que começa.



«Moises Profeta do Mundo Moderno?»
ANDRÉ CHOURAQUI
INSTITUTO PIAGET, 444 pp.

ANDRÉ CHOURAQUI, poeta e teólogo, é um dos grandes espíritos deste início de século; um enciclopedista e um espírito livre.

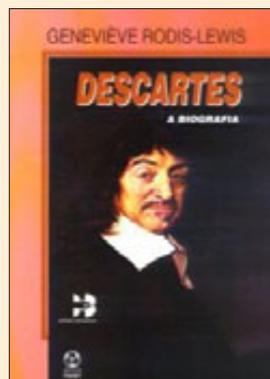
O judaísmo, o cristianismo e o islamismo são religiões que para ele não têm segredo algum. Da sua autoria o Instituto Piaget publicou *Jerusalém*.»

GENEVIÈVE RODIS-LEWIS

«Descartes – A Biografia»

«Descartes, entre outros privilégios, teve o de suscitar paixões e lendas acerca da sua vida. E os biógrafos, desde muito cedo, contaram a vida deste filósofo e sábio que dizia: «eu avanço mascarado». Contudo, foi há mais de três séculos que o seu último biógrafo, Adrien Baillet, publicou uma *Vida de Descartes* (1691). Uma biografia que é, ainda hoje, uma referência. Só a professora honorária da Sorbonne, Geneviève Rodis-Lewis, a quem os trabalhos sobre Descartes deram o Grande Prémio da Academia Francesa, poderia retomar Baillet. O conhecimento exaustivo dos textos e das fontes que Geneviève possui, permiti-

tiu-lhe não só integrar no seu respectivo lugar documentos descobertos recentemente mas, igualmente, produzir inéditos. É uma análise inteiramente renovada que se exerce sobre Descartes, as circunstâncias do seu nascimento e da sua formação no Colégio La Flèche, os famosos «macacos» de 1619 e o período da crise fecunda de que estes são o centro, a amizade com Mersenne, a «querela do ateísmo» e a *metafísica de 1629*, as polémicas com os teólogos calvinistas da Holanda, o seu encontro com Elizabeth da Boémia e com a rainha Cristina da Suécia, e a sua morte em Estocolmo. Todas as informações e precisões que alteram



«Descartes – A Biografia»
GENEVIÈVE RODIS-LEWIS
INSTITUTO PIAGET
348 pp.

sensivelmente o nosso conhecimento da complexa arquitectura do Discurso e das Meditações Metafísicas. E lê-se como um grande romance.»

JUDITE SOUSA

«A Vida é um Minuto»

«Judite Sousa, neste livro, serve-se de vários episódios da recente história mundial para nos fazer reflectir sobre a realidade dos poderes, sempre com os olhos na sua verdadeira missão como jornalista: o único caminho possível é a verdade.»



«A Vida é um Minuto»
JUDITE SOUSA
OFICINA DO LIVRO
152 pp.

Episódios sobre nomes como John Kennedy, Richard Nixon, Barack Obama, Nicolas Sarkozy, José María Aznar, Mariano Rajoy, José Socrates, Cavaco Silva, Ferreira Leite, Paulo Portas, Francisco Louçã, Jerónimo de Sousa, Marcelo Rebelo de Sousa e entre outros o próprio António Vitorino, autor do prefácio do referido livro, que termina o seu texto da seguinte forma:

«Este *A Vida É Um Minuto* dá, no fundo, o testemunho vivo de quem sabe e sente que comunicar é tão natural como o ar que respiramos ou a água que bebemos. Seria bom que *eles* percebessem isso tão bem e tão naturalmente como a autora assume o que pensa neste livro!»

AFONSO ZÚQUETE

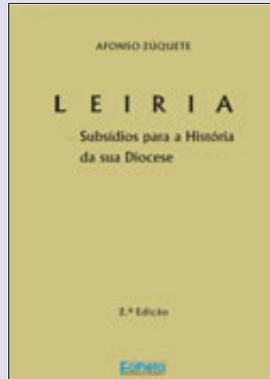
«Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese», setenta anos depois

SETENTA ANOS APÓS A PRIMEIRA EDIÇÃO, esgotada faz anos, foi publicada a segunda edição de «Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese», da autoria de Afonso Zúquete (1909-1981).

A primeira edição, 1943, contou com o prólogo de D. José Alves Correia da Silva, então Bispo de Leiria, e a segunda edição apresenta um prefácio assinado pelo filho do autor, Eduardo Zúquete.

É uma obra notável com diversas estampas e que está dividida em diversos capítulos sobre os «Bispos de Leiria», «As Sés», os «Conventos e Igrejas de Leiria», «Origem e Fundação do Bispado de Leiria», «As Freguesias», «Dignidades e Benefícios», «Extinção da Diocese», «Fátima» e a «Restauração da Diocese» de Leiria, actualmente Leiria-Fátima.

«Leiria - Subsídios para a História da sua Diocese» foi e ainda é uma obra de referência para todos aqueles que pretendem estudar não só a cidade de Leiria



«Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese»

AFONSO ZÚQUETE

FOLHETO EDIÇÕES, 388 pp.

como, essencialmente, o desenvolvimento da Diocese de Leiria criada a 22 de Maio de 1545, com a bula «Pro excellenti» do Papa Paulo III (1468-1549). Este é um livro que faz parte da bibliografia de muitos livros editados nos últimos setenta anos, ao lado de «O Couseiro», outra referência histórica para Leiria.

AFONSO ZÚQUETE

Segunda edição de «Monografia de Leiria – A Cidade e o Concelho 1950»

«Monografia de Leiria - A Cidade e o Concelho 1950» é uma obra histórica sobre o concelho de Leiria, escrita nos anos 40 e 50 do século XX por Afonso Zúquete, um dos autores da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira» (1935).

Após várias tentativas para a sua edição, o autor acabou por guardar um original numa prateleira e nunca mais lhe pegou... Até que em 2003 os seus filhos, Eduardo e José, entenderam por bem editar esta obra. Dez anos depois é publicada a segunda edição.

O presente livro dá a conhecer a história de vários monumentos de Leiria e dos actuais concelhos da Batalha e Marinha Grande, com destaque para o Castelo Leiriense e as inscrições da antiga Colippo (vila romana) que se encontram em pedras que posteriormente ajudaram a erguer aquele monumento.



«Monografia de Leiria – A Cidade e o Concelho 1950»

AFONSO ZÚQUETE

FOLHETO EDIÇÕES, 232 pp.

Esta obra é enriquecida com fotografias, gravuras e gráficos que nos dias de hoje fazem parte da memória do passado e que o presente já não deixa contemplar.

ADÉLIO AMARO

«Afonso Zúquete na Imprensa»

«Afonso Zúquete na Imprensa» é o primeiro de três volumes de apontamentos de e sobre Afonso Zúquete publicados na imprensa regional e nacional entre os anos 30 e 70 do século XX.

Com a coordenação de Adélio Amaro e breve apresentação de Eduardo Zúquete, este primeiro volume destaca os artigos de Afonso Zúquete enquanto médico, homem da Cultura e curioso do mundo publicados em «O Lar do Médico» e «O Nosso Lar».

O livro tem também um capítulo com poemas Afonso Zúquete ladeados de caricaturas, publicados em «O Quinto Ano Médico» (1933-1934) da Faculdade de Medicina de Lisboa, e a transcrição de um opúsculo intitulado «Eça de Queirós, Leiria e os Médicos» (1946).

Este primeiro volume de «Afonso Zúquete na Imprensa» encerra com um capítulo dedicado às «Efemérides do Distrito de Leiria», onde o autor, em 1941, publicou no recém-extinto e quase centenário semanário «O Mensageiro», as datas de maior relevância, dia-a-dia, da história do Distrito de Leiria.

Os segundo e terceiro volumes irão ser contemplados com mais artigos de Afonso Zúquete, mas com destaque sobre diversos apontamentos sobre a sua vida como médico, homem de cultura e essencialmente como Governador Civil do Distrito de Leiria.



«Afonso Zúquete na Imprensa»

ADÉLIO AMARO (coordenação)

FOLHETO EDIÇÕES, 280 pp.

Afonso Zúquete homem de três culturas: Medicina, História e Política

AFONSO EDUARDO MARTINS ZÚQUETE nasceu na cidade do Porto, freguesia de Santo Ildefonso, a 7 de Janeiro de 1909. Era o primeiro dos quatro filhos de Afonso Veríssimo de Azevedo Zúquete e de D. Ester Martins de Azevedo Zúquete, ambos naturais do concelho de Leiria.

Fez o curso secundário nos liceus de Rodrigues Lobo (Leiria) e Gil Vicente (Lisboa) e licenciou-se na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1934.

Foi director da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», do II volume em diante, tendo igualmente trabalhado no Laboratório Sanitas e no Instituto Luso-Fármaco, ambos de Lisboa. Foi também redactor do «Jornal do Médico» e director de «O Lar do Médico», de 1945 até à sua extinção.

Foi um dos organizadores do I Salão Médico Português (1933), secretário-geral do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria (1944), secretário-adjunto das Jornadas Médicas Luso-Suíças (1947) e organizador da Exposição Artístico-Bibliográfica de Autores Médicos (1947).

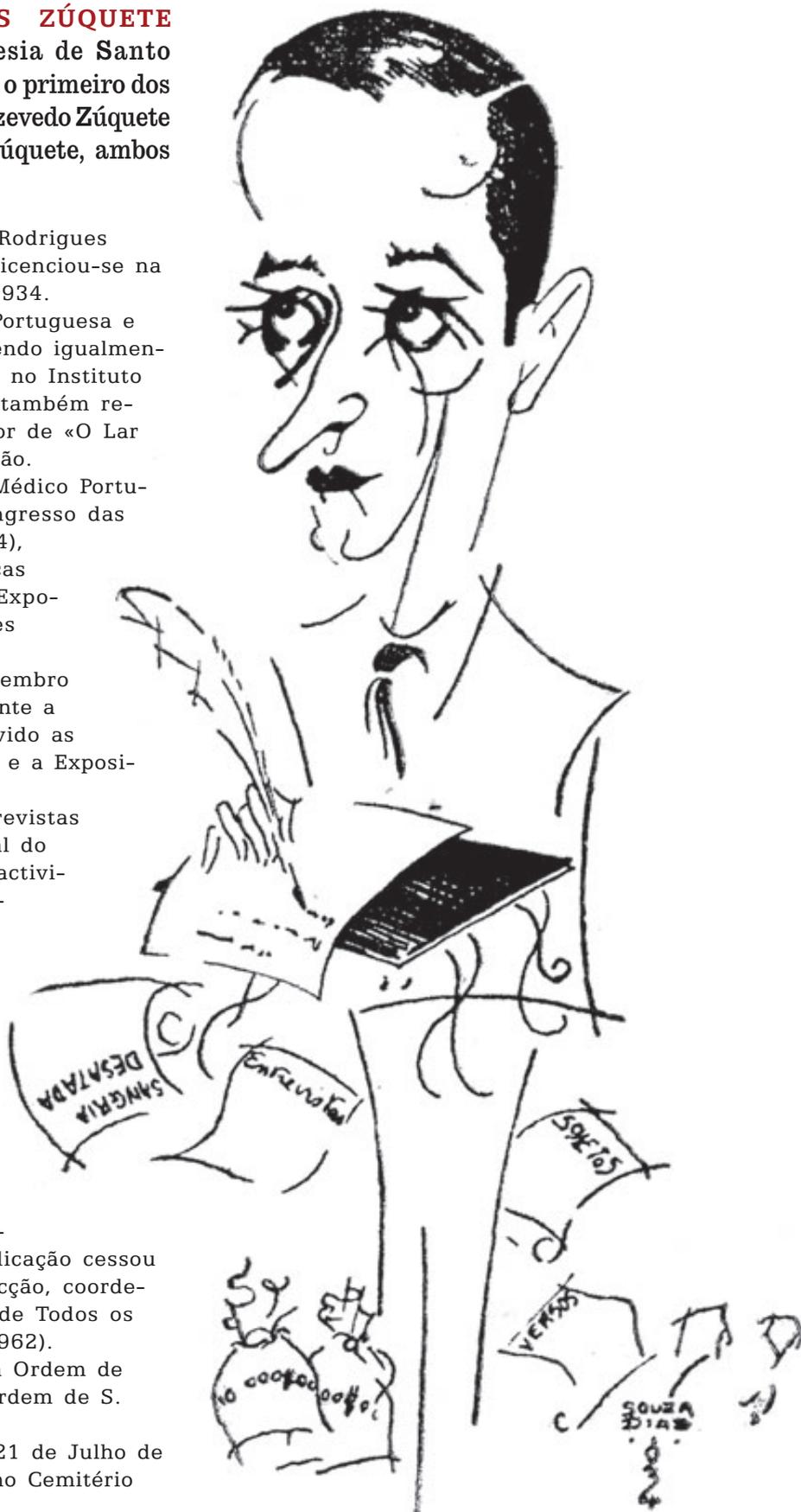
Foi Governador Civil de Leiria, de Dezembro de 1947 até Maio de 1951 tendo, durante a sua permanência nesta cidade, promovido as reuniões médicas do Distrito de Leiria e a Exposição Distrital de Arte Sacra (1950).

Autor de numerosas publicações nas revistas citadas e também na imprensa regional do distrito, salientam-se, na sua obra, a actividade de coordenação da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», o livro «Leiria – Subsídios para a História da sua Diocese» (1945), prefaciado por D.

José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, a oração de encerramento do I Congresso de Actividades do Distrito de Leiria (1943), a coordenação e direcção técnica das publicações «Nobreza de Portugal» (1961), «Armorial Lusitano» (1961) e «Dicionário Geral Luso-Brasileiro da Língua Portuguesa» (cuja publicação cessou no final do 2.º volume) e ainda a direcção, coordenação e compilação da obra «Tratado de Todos os Vice-reis e Governadores da Índia» (1962).

Era agraciado com o grau de oficial da Ordem de Cristo e com o grau de cavaleiro da Ordem de S. Silvestre, da Santa Sé.

Faleceu em Senhora da Luz (Lagos) a 21 de Julho de 1981 e está inumado em campa rasa no Cemitério de Lagos.



PAULO RAMALHO

«As Festas do Espírito Santo na Ilha de Santa Maria»

O livro «As Festas do Espírito Santo na Ilha de Santa Maria» é uma iniciativa da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, edição do Município de Vila do Porto, ilha de Santa Maria, Açores, com texto de Paulo Ramalho.

«De modo algum este livro foi pensado para substituir outros que o antecederam na mesma temática, antes vem reunir um conjunto de informações dispersas que com o tempo caíam o risco de caírem no esquecimento. Trata-se de um trabalho de recolha e pesquisa levado a cabo nos últimos meses pelo antropólogo Paulo Ramalho em parceria com o arquivo histórico da Foto Pepe... estão aqui registados



«As Festas do Espírito Santo na Ilha de Santa Maria»
PAULO RAMALHO
MUNICÍPIO DE VILA DO PORTO
118 pp.

os depoimentos daqueles que tudo fazem em Santa Maria para preservar esta tradição.»

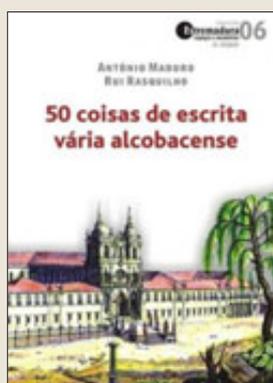
COLECÇÃO CEPAE

«50 coisas de escrita vária alcobacense»

«50 coisas de escrita vária alcobacense» é o sexto volume da II Série da colecção «Estremadura espaços e memórias», numa edição do Centro do Património da Estremadura (CEPAE) em parceria com a Folheto Edições, da autoria de António Maduro e Rui Rasquilho.

A efemeridade do artigo de jornal diminui sensivelmente o reguardo da memória. Assim sendo os autores resolveram armazenar num livro o que foram escrevendo sobre a região de Alcoaça no quinzenário «Alcoa», o mais antigo jornal do concelho de Alcoaça ainda em circulação.

Os artigos são sobretudo considerações sobre o edifício monástico, os coutos do seu domínio senhorial, ou de pessoas, lugares e acontecimentos



«50 coisas de escrita vária alcobacense»
ANTÓNIO MADURO
RUI RASQUILHO
CEPAE / FOLHETO, 200 pp.

salientes do tempo alcobacense.

Datados e numerados os artigos são referências de uma emoção ou de uma análise que os autores tiveram perante uma figura ou acontecimento.

JOSÉ MANUEL FERNANDES

«História Ilustrada da Arquitectura dos Açores»

«A publicação do IAC-Instituto Açoriano de Cultura intitulada *História Ilustrada da Arquitectura dos Açores*, da autoria do arquitecto e historiador de arquitectura José Manuel Fernandes é uma obra que se insere no conjunto de publicações com que este Instituto decidiu associar-se à comemoração do 25.º aniversário da inscrição da Cidade de Angra do Heroísmo na Lista dos Bens do Património da Humanidade da UNESCO, em 1983.

Esta obra, traça uma primeira abordagem global no domínio da História da Arquitectura nos Açores e abrange todas as ilhas do arquipélago e os seus dezasseis concelhos, desde os primórdios do povoamento até à actualidade, nos vários quadros religioso, militar, civil e doméstico, divididos nos seguintes capítulos:

I – Introdução: Enquadramento e contexto, Geografia e História. Dos séculos XV e XVI aos séculos XVIII e XIX. O tempo de Novecentos

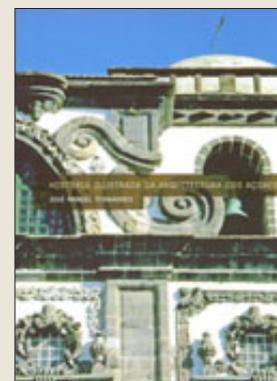
II – As cidades e demais povoações, a sua relação com o território. Evolução e valores urbano-arquitectónicos

III – A arquitectura erudita (militar, religiosa, civil e doméstica). Manuelino e Classicismo, o “Estilo Chão”, o Neoclassicismo e o Romantismo

IV – A Arquitectura popular, urbana e rural

V – Os sécs. XIX e XX – Urbanismo, arquitectura, as transformações e a evolução. Do Romantismo Oitocentista ao Modernismo Novecentista

VI – As arquitecturas, dos anos 1900 aos anos 1970: Ecletismo, Arte Nova, Art Deco, Modernismo, Português Suave, a Arquitectura Moderna dos anos 1950-60



«História Ilustrada da Arquitectura dos Açores»
JOSÉ MANUEL
FERNANDES
INSTITUTO AÇORIANO
DE CULTURA, 168 pp.

VII – Aproximação da Contemporaneidade: o pós-modernismo e o final do século. A transição dos séculos XX-XXI. Dimensões. Temas, obras e autores.

Neste quadro, o IAC-Instituto Açoriano de Cultura pretendeu com esta obra colmatar uma lacuna no domínio da Arquitectura nos Açores, apresentando uma ampla sistematização do tema e com ela estruturar um livro com cerca de cento e setenta páginas fortemente ilustrado, que se assumirá como a mais importante referência neste domínio e âmbito geográfico até ao momento publicada nos Açores.

Esta obra, conta com o apoio de diversas Câmaras Municipais, da Direcção Regional das Comunidades, bem como da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores e é co-financiada pelo INTERREG III B, no âmbito do Projecto Chronos, do qual o IAC-Instituto Açoriano de Cultura foi o Chefe de Fila.»

«LEITURA HISTÓRICO-TEOLÓGICA DO IMPACTO LOCAL DAS APARIÇÕES DE FÁTIMA A PARTIR DO SEMANÁRIO O MENSAGEIRO DE LEIRIA – UM ESTUDO SOBRE OS ANOS 1917-1927»

Luís Ferraz vence prémio «Villa Portela» com dissertação sobre Fátima

Com a tese «Leitura histórico-teológica do impacto local das Aparições de Fátima a partir do semanário O Mensageiro de Leiria – Um estudo sobre os anos 1917-1927», Luís Miguel Ferraz recebeu o prémio Villa Portela 2013.

Trata-se de um concurso bienal instituído por Ricardo Charters d'Azevedo e promovido pela ADLEI - Associação para o Desenvolvimento de Leiria, com o apoio da Câmara Municipal, do Instituto Politécnico de Leiria e da editora Gradiva.

Nas palavras do autor, secretário do Gabinete de Informação e Comunicação da Diocese de Leiria-Fátima, o estudo apresenta «uma perceção bastante detalhada dos impactos que os acontecimentos registados em Fátima em 1917 tiveram nos vários âmbitos da sua realidade local - social, política, cultural, religiosa e, até, económica - e da sua súbita expansão para um palco de nível nacional e, posteriormente, internacional».

O trabalho foi realizado para o Mestrado em Teologia da Universidade Católica Portuguesa, defendido em Abril deste ano. O autor analisou os primeiros textos sobre as Aparições publicados n'O Mensageiro, «onde se percebem as reservas iniciais e os conflitos que rapidamente se inflamam com outros órgãos de informação, bem como as posições assumidas pelos vários agentes sociais, políticos e eclesiais». No contexto de profunda instabilidade política e social dos primeiros anos da República, as Aparições surgem em O Mensageiro muito marcadas «pela visão do seu corpo redatorial sobre o destino do catolicismo como força restauradora da sociedade portuguesa», explica o premiado. Outra das conclusões foi que este fenómeno se impôs «pela persistência e crescimento da massa de fiéis» na Cova da Iria, obrigando a hierarquia a «uma intervenção que enquadrasse a piedade popular num quadro mais oficial de celebrações», isto logo nos primeiros anos após as Aparições, que só viriam a ser reconhecidas pelo Bispo como dignas de crédito em 1930.



Luís Miguel Ferraz, que foi chefe de redação d'O Mensageiro, recebeu o prémio no dia 17 de dezembro, na livraria Arquivo, em Leiria. Deste trabalho, o júri salientou a «reflexão isenta de preconceitos e sem visões estereotipadas relativamente ao tema» e o enquadramento «das Aparições de Fátima na luta pela restauração da diocese de Leiria, partindo do olhar de um pequeno jornal e da perspectiva peculiar do seu principal mentor, padre José Ferreira de Lacerda».

A propósito deste título informativo, recorde-se que, em maio deste ano, a diocese uniu os seus dois jornais O Mensageiro e A Voz do Domingo num único órgão escrito de comunicação: o jornal Presente Leiria-Fátima.

*MC, com Leopoldina Simões,
in PRESENTE*

LUÍS MIGUEL RIBEIRO FERRAZ nascido em 1971, é natural da freguesia da Golpilheira, onde reside.

Iniciou o curso de Teologia no Seminário Diocesano de Leiria, concluído na Universidade Católica Portuguesa em 1993. Na mesma universidade, fez licenciatura em Ciências Religiosas em 2009 e o Mestrado em Teologia, na área da His-

tória Contemporânea, em 2013.

É membro do Grupo de Reflexão sobre a Imprensa Católica do Centro de Estudos de História Religiosa da UCP, onde integra o grupo de investigadores do projecto «Crença e cidadania: organizações e imprensa católicas na sociedade portuguesa do século XX».

É funcionário da Diocese de Leiria-Fátima desde 1993, onde desempenhou funções de Secretário Permanente do Sínodo (1993-2005), membro do Serviço de Coordenação Pastoral (2005-2008), técnico do Gabinete de Apoio aos Serviços Pastorais (2005-2012), chefe-de-redacção do semanário O Mensageiro (1993-2012) e da revista Leiria-Fátima - Órgão Oficial da Diocese (2004-2012).

Em Maio de 2012 foi nomeado Secretário do Gabinete de Informação da Diocese de Leiria-Fátima, com funções de redacção e coordenação informativa, organização do arquivo fotográfico e videográfico, gestão da informação no sítio www.leiria-fatima.pt e nas redes sociais oficiais da Diocese, apoio na implementação da rede de comunicação da Cúria diocesana com as paróquias, para além da colaboração regular na redacção de documentos pastorais e de materiais de divulgação e informação geral.

Em Maio de 2013 integrou ainda a redacção do semanário diocesano Presente Leiria-Fátima.

Desde a juventude, colabora activamente em diversos projectos culturais e associativos, nomeadamente no Centro Recreativo da Golpilheira, onde fundou o Jornal da Golpilheira, mensário local de que é director.

Ainda no âmbito da participação cívica, é deputado da Assembleia Municipal da Batalha e da Assembleia da Comunidade Intermunicipal da Região de Leiria, vogal do Conselho Fiscal da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo da Batalha e da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Concelho da Batalha, e membro não efectivo da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia da Batalha.

ADÉLIO AMARO

«Algarvia Apontamentos para a sua História» de Adélio Amaro e apresentação de Mota Amaral



Posteriormente ao livro publicado em 2007, «Sentir Algarvia», este «Algarvia, Apontamentos para a sua História» de ADÉLIO AMARO, é um agregado de apontamentos de alguém que vive fisicamente em Leiria e sentimentalmente pela ligação paternal em Algarvia, concelho de Nordeste, ilha de São Miguel, Açores.

É um livro que ensaia arremessar o grito da Freguesia para além dos ecos dos picos Redondo e Vara. É um manual que arrisca dar voz à História e que ambiciona espalhar, para sempre, as mensagens dos que na Freguesia habitam e alojam as suas forças ou aqueles que bem longe nunca olvidam a aldeia onde brotaram para a vida.

Contemplando estas 864 páginas permanece a ideia de que deveriam ser muitas mais, especialmente com as descrições da sua população.

Cada residente, cada natural, cada emigrante é um naco na e da História da Algarvia. Segundo o autor, «muita mais informação fica guardada na esperança de um dia ser divulgar através das páginas de outro manual».

O presente livro ostenta 41 capítulos, aborda 345 temas e 631 notas de rodapé, relativos ao povo e à aldeia de Algarvia, desde o século XV até ao início do século XXI.

Foi feita uma recolha exaustiva. Por isso, muita informação, documentação e fotografias não foram publicadas no pre-

sente livro. Material que ficou no espólio da Associação de Investigação e Cultura dos Açores/Leiria. Um espólio que fica por publicar e que contém todos os registos de Baptismos, Casamentos e Óbitos desde 1837, assim como muita outra informação que traça o perfil histórico desta maravilhosa Freguesia.

ADÉLIO AMARO é apaixonado pelos Açores. Comendador Grande Oficial, nasceu em 1973, em Leiria, onde reside.

Entre vários cursos frequentou Design da Comunicação e História de Arte. Foi Jornalista Profissional (1996-2005) e director de vários jornais. Actualmente é director executivo do jornal Gazeta Lusófona (Suíça) e colabora na imprensa de Portugal, Suíça, França, Canadá, EUA e Brasil. Tem cerca de 4 mil trabalhos publicados em mais de 80 jornais e revistas.

É sócio gerente da Folheto Edições & Design. Já participou em mais de duas dezenas de congressos e acções de formação, em outros tantos países, na Europa, Ásia e América. Com várias intervenções, palestras, prefácios e apresentações, moderou a apresentação de mais de 200 livros.

Foi Deputado da Assembleia Municipal de Leiria e presidiu a várias associações, sendo fundador e presidente da Associação de Investigação e Cultura dos Açores/Leiria (Biblioteca com mais de 6

mil volumes entre outra documentação).

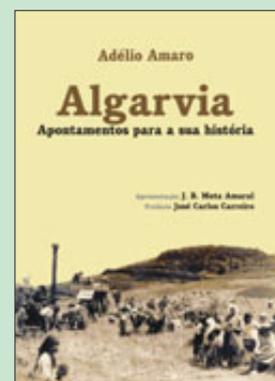
Diversas vezes distinguido por instituições portuguesas e brasileiras.

Referenciado em vários manuais, é autor de 22 livros e cadernos e coordenador da Antologia de Poetas Lusófonos (6 volumes) em mais de 20 países de todos os Continentes.

Autor dos Brasões das Freguesias da Barreira (Leiria) e Algarvia (Açores).

Membro de várias Associações e Academias.

Está trabalhando no projecto de levantamento histórico e fotográfico de todas as freguesias do distrito de Leiria e do Arquipélago dos Açores.



«Algarvia Apontamentos para a sua História»

ADÉLIO AMARO

JUNTA DE FREGUESIA DE

ALGARVIA, 864 PP.

EUCLIDES CAVACO

«Terras da Nossa Terra»

O livro de poesia *Terras da Nossa Terra* de **EUCLIDES CAVACO** «é como que um roteiro poético, turístico, histórico, etnográfico e cultural, numa viagem que contempla cerca de 130 Terras do nosso Portugal.

A obra não tem, todavia, a pretensão de ser uma narração minuciosa de cada Terra visitada, mas tão somente familiarizar os leitores com uma panorâmica geral dos lugares aqui cantados neste roteiro imaginário, em jeito de poesia. Contudo, este trabalho foi objeto de cuidadosa pesquisa, coordenação e análise de dados a fim de poder retratar poeticamente com a maior justiça possível os predicados mais evidentes das terras exaltadas neste livro: *Terras da Nossa Terra*.

EUCLIDES CAVACO é diretor da «Rádio Voz da Amizade» há mais de 30 anos, no Canadá.

Escreve e divulga poesia desde os seus anos académicos, dando peculiar relevância à poesia declamada e ao Fado.

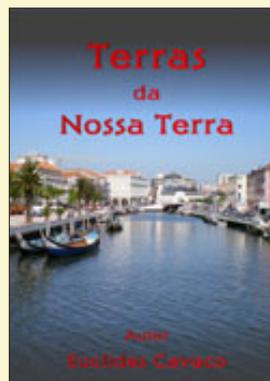
Editou diversos livros e 5 CDs de récitas e mais de 200 temas de sua autoria gravados por diversos intérpretes do fado e da canção.

«Ecos da Poesia» é a sua popularíssima página na *internet* dedicada à poesia Lusófona, onde apresenta e divulga ao mundo a poesia e Fado que conta mais de 240 mil visitas.

EUCLIDES CAVACO

«É membro de diversas e prestigiadas associações poéticas, literárias e culturais. Publica poesia em diversos jornais, revistas, páginas na *internet* e recita-a com veemência na rádio e em espetáculos.

Pelo prestígio da sua obra e da sua transparente portugalidade e incondicional perseverança, tem sido homenageado ao longo da sua carreira



«Terras da Nossa Terra»
EUCLIDES CAVACO
166 pp.

ra com múltiplas distinções honoríficas.

Euclides Cavaco é um excelso português de corpo e alma, notável defensor e divulgador da Língua de Camões e das suas raízes há mais de 4 décadas e um eterno apaixonado pelo Fado.

Nas suas emissões radiofónicas empresta peculiar dedicação à poesia onde a recita, exalta, difunde e a dignifica admiravelmente. As suas récitas são difundidas por muitas rádios no mundo.»

ELZIO LUZ LEAL

«Intimidades»

«Intimidades» é o segundo livro de poesia de **ELZIO LUZ LEAL**. O primeiro, «Eu Poeta 2008», foi editado em 2010 e este segundo viu a luz do dia em 2012.

Em «Intimidades» o autor apresenta poesias de grande lirismo, quase todas com métrica, rima e ritmo, lembrando a fase do romantismo do século passado.

Todos os poemas e sonetos de Elzio Luz Leal, publicados em «Intimidades» foram primeiramente lançados no espaço digital «Recanto das Letras».



«Intimidades»
ELZIO LUZ LEAL
TABA CULTURAL
112 pp.

SARAH DE OLIVEIRA PASSARELLA

«Peregrina do Uni-Versos»

«Peregrina do Uni-Versos» é o novo livro de poesia da brasileira **SARAH DE OLIVEIRA PASSARELLA**, natural de Limeira. Passou em Americana, onde viveu a infância e adolescência, chegando depois a Campinas onde esteve seis anos no Conservatório Musical. Faz parte do Clube dos Poetas, do Centro de Poesia e Artes de Campinas e da Casa do Poeta de Campinas que actualmente preside.

Poeta de grande sensibilidade, e também prosadora, este seu livro é o reflexo do seu trabalho como escritora, tendo recebido várias vezes premiada, mesmo fora do Brasil.



«Peregrina do Uni-Versos»
SARAH DE OLIVEIRA PASSARELLA
104 pp.

OLGA AMORIM

«O sopro de agosto»

O livro de poesia «O sopro de agosto» da poeta brasileira Olga Amorim «reúne uma série de *haikais* que mostram uma escritora segura em seu ofício.

Cumprir bem as exigências que esse gênero exige. Passagens de enlevo como *É tempo de amora. / Dentre a rama reclinada / O sabor da infância.*

Antonio Bivar já dissera que Olga Amorim é uma poeta brasileira e Hugo Pontes diz que *seus poemas primam pela qualidade e segurança com que manuseia a palavra e a imagem; e altera razão e sentimento com relação ao conteúdo.*



«O sopro de agosto»
OLGA AMORIM
52 pp.

D. JOÃO II E OS RUMOS DA EXPANSÃO «O Mundo dos Descobrimentos Portugueses»

«D. João II e os Rumos da Expansão – 1469-1495» de José Manuel Garcia é o segundo volume da coleção «O mundo dos Descobrimentos Portugueses», num total de oito obras.

«Depois da morte do infante D. Henrique os Descobrimentos pararam e só foram retomados depois de em 1469 D. Afonso V ter feito um contrato com Fernão Gomes através do qual este ficou obrigado a mandar descobrir 100 léguas de costa todos os anos, o que foi cumprido, tendo-se até 1474 passado a conhecer o golfo da Guiné.

Em 1474, o príncipe D. João, futuro D. João II, foi encarregado de retomar os



«D. João II e os Rumos da Expansão da Expansão – 1469-1495»
JOSÉ MANUEL GARCIA
QUIDNOVI, 128 pp.

Descobrimentos tendo em vista alcançar as Índias, colocando-se-lhe então duas alternativas; prosseguir a exploração do litoral africano ou avançar para ocidente.»

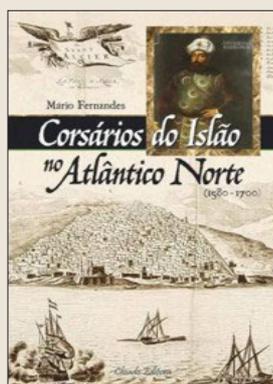
MÁRIO FERNANDES

«Corsários do Islão no Atlântico Norte»

«Entre os séculos XVI e XVIII, os corsários de Argel, Tunis e Salé, apresaram mais de um milhar de navios, de todas as nacionalidades, no Atlântico Norte e lançaram o pânico entre as comunidades ribeirinhas de Portugal continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, onde fizeram muitas centenas de cativos, que depois vendiam nos mercados de escravos daquelas cidades.

Os habitantes dessas comunidades chamavam às embarcações desses corsários, *navios de mouros* ou *navios de turcos*, em consequência das bandeiras que arvoravam: a bandeira verde do *Crescente Fértil* ou a do *Império Otomano*.

Mas quem eram afinal os tripulantes desses navios, cujas práticas predatórias deixa-



«Corsários do Islão no Atlântico Norte (1580-1700)»
MÁRIO FERNANDES
CHIADO EDITORA, 510 pp.

ram marcas na memória Colectiva dos portugueses, que ainda hoje persistem em frases como *anda mouro na costa* ou *bei diabo*, esta mais comum nas ilhas dos Açores?...»

B. CLÉRIGO, L. ALBANO E P. CARDOSO «Rota do Peregrino de Fátima»

«Rota do Peregrino de Fátima é um guia indispensável com as principais rotas e sub-rotas que levam os peregrinos a Fátima.

Através de 38 mapas originais, são recomendados 1000 locais de apoio onde poderá comer, dormir, fazer as suas compras ou simplesmente descansar.

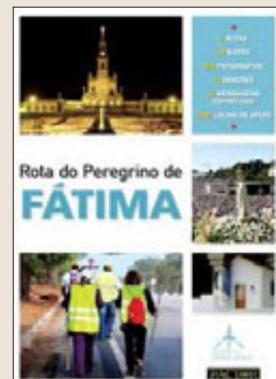
Ao longo dos vários locais de passagem existe um imenso património histórico-cultural e gastronómico, o qual é ilustrado com mais de 200 fotografias acompanhadas de informações relevantes na rubrica Sabia que.

Com uma forte componente religiosa, também encontrará ao longo deste guia 44 mensagens espirituais, 12 orações, a canção do peregrino e a mensagem do Papa Bento XVI aos peregrinos.»

O QUE ENCONTRAR NESTE GUIA:

Histórias das Aparições; Cronologia de Fátima - Datas principais; Os Videntes de Fátima e o Segredo de Fátima Voz do Peregrino - Testemunhos; Projeto *Rota do Peregrino*; Rotas com mapas, locais de apoio e informações: Rota Verde: Aveiro-Fátima, Rota Azul: Viana do Castelo-Fátima, Rota Vermelha: Lisboa-Fátima, Rota Lilás: Bragança-Fátima, Rota Laranja: Castelo Branco-Fátima, Chegada à Fátima.

E porque este guia é uma verdadeiro companheiro de viagem, nele poderá encontrar ainda: Espaço para personalização do guia; Orações; Mensagem do Papa Bento XVI aos peregrinos; Canção do peregrino; Mensagens espirituais; Notas e Memórias para anotações pessoais; Passaporte para recolha de carimbos nos locais de passagem; Dicas úteis com



«Rota do Peregrino de Fátima»
BRUNO CLÉRIGO,
LUÍS ALBANO
E PEDRO CARDOSO
PACTOR, 200 pp.

conselhos práticos; Curiosidades de carácter geral e passatempos sobre Fátima.»

ROTA DO PEREGRINO

«O projeto *Rota do Peregrino* teve origem na observação e consequente preocupação, pela inexistência de um suporte organizado e contínuo de informação agregada dos diversos caminhos para Fátima. Esta notória lacuna ao nível da informação determinou a necessidade premente de um projeto integrado de conteúdos disponibilizados em suporte digital (Web e Mobile) e em suporte em papel, ambos intitulados *Rota do Peregrino*. Os dois tipos de suportes contêm informação pormenorizada, rigorosa e extremamente acessível sobre os principais caminhos utilizados por todos aqueles que, motivados pela fé ou imbuídos pela curiosidade em conhecer tão único destino, os percorrem. Este projeto pretende, pois, afirmar-se como um apoio imprescindível a todos aqueles que efetuam peregrinações ou visitas turísticas a Fátima.